

COLEÇÃO
OFICINAS DA HISTÓRIA
VOL. 5

Direção: Edgar Salvadori de Decca

A FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA INGLESA

II

A maldição de Adão

E. P. THOMPSON

Tradução:

Renato Busatto Neto

Cláudia Rocha de Almeida

2ª edição

Paz e Terra
Oficinas da História



11/14 2010

Copyright by
E. P. Thompson, 1963, 1968
Título do original em inglês:
The Making of the English Working Class

Capa
Isabel Carballo

Revisão técnica
Edgar de Decca

Revisão
Cely Naomi Uematsu
William Franca Barros
Franz Keppler

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Serviço Nacional dos Editores de Livros, RJ.

T39f
v. II
Thompson, E. P.
A formação da classe operária inglesa / E. P. Thompson; tradução Renato Gusatto, Neio Cláudia Rocha de Almeida. — Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

(Coleção Orlenas da História, v. 5)

Tradução de: *The Making of the English Working Class*.
Conteúdo: v. 1. A árvore da liberdade. — v. 2. A maldição de Adão. — v. 3. A força dos trabalhadores.

1. Trabalho e trabalhadores — Inglaterra — História. 2. Profissões — Inglaterra — História. I. Título. II. Série.

37-0601 CDD - 331.0942
CDU - 331 (420)

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA S/A
Rua São José, 90, 11.º andar
Rio de Janeiro, RJ, Centro.
Tel.: 221-4066

Rua do Triunfo, 177
São Paulo, SP, Santa Ifigênia.
Tel.: 223-6522

Conselho Editorial
Antonio Candido
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

2.ª edição — 1988

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

“Tu comerás o pão no suor do teu rosto, até que retornes à terra, pois dela foste formado. Porque tu és pó, e ao pó retornarás.”

Gênesis, III, 19

SUMÁRIO

A Formação da Classe Operária Inglesa

A MALDIÇÃO DE ADÃO

Vol. II

1. Exploração 11
2. Os trabalhadores rurais 39
3. Artesãos e outros 71
4. Os tecelões 117
5. Padrões e experiências 179
6. O poder transformador da cruz 225
7. Comunidade 291

A ÁRVORE DA LIBERDADE

Vol. I

Prefácio 9

1. Número ilimitado de membros 15
2. O cristão e o demônio 25
3. As fortalezas de Satanás 57
4. O inglês livre de nascimento 83
5. Plantando a árvore da liberdade 111

A FORÇA DOS TRABALHADORES

Vol. III

1. A Westminster radical
 2. Um exército de justiceiros
 3. Demagogos e mártires
 4. Consciência de Classe
- Índice Remissivo

1

EXPLORAÇÃO

John Thelwall não foi o único a visualizar em toda "manufatura" um centro potencial de rebelião política. Um viajante aristocrático que visitou os vales de Yorkshire, em 1792, ficou alarmado ao encontrar uma nova indústria algodoeira no "vale pistoral" de Aysgarth — "ora essa, aqui existe agora uma grande e reluzente fábrica, cujo canal desviou metade da água da cachoeira além da ponte".

Com o sino tocando e o clamor da fábrica, todo o vale fica transformado; traição e regimes iguaitários são o discurso; e a rebelião pode estar próxima.

A fábrica surge como o símbolo das energias sociais que estão destruindo o verdadeiro "curso da Natureza". Ela incorpora uma dupla ameaça à ordem estabelecida. A primeira, proveniente dos proprietários da riqueza industrial, esses novos-ricos que desfrutavam de uma vantagem injusta sobre os proprietários de terras, cuja renda estava limitada aos arrendamentos:

Portanto, se os homens buscam as riquezas, e se as riquezas do comércio são facilmente conquistadas, angústia para nós, homens de renda fixa e mediana; e angústia para todos os tecelões domésticos e os pequenos proprietários (*Yeomanry*) nação.

A segunda, proveniente da população trabalhadora industrial, considerada por nosso viajante com uma hostilidade alterante que denuncia uma reação não totalmente distinta daquela do branco racista em relação à população de cor nos dias de hoje:

COMUNIDADE

I. Lazer e Relações Pessoais

A revitalização metodista dos anos de guerra mediu a disciplina do trabalho na industrialização. Em parte, ela resultou também do desespero da população trabalhadora. O Metodismo e o utilitarismo, considerados em conjunto, constituíram a ideologia dominante da Revolução Industrial. Contudo, o que observamos no Metodismo representa apenas uma manifestação mais clara de processos que ocorriam na totalidade da sociedade. Muitas das suas características reproduziram-se no movimento evangélico de todas as igrejas e nos ensinamentos sociais de alguns utilitaristas e deístas. Hannah More defendeu tão vigorosamente quanto Wesley a opinião de que era "um erro fundamental considerar as crianças como criaturas inocentes", ao invés de seres de "natureza corrupta, predispostos ao mal".¹ Nas escolas dominicais que a Igreja da Inglaterra organizou em diversas vilas, durante as décadas de 1790 e 1800, dava-se a mesma ênfase (eventualmente num tom mais paternalista) à disciplina e à repressão do que nas escolas de Stockport ou de Halifax. A sua finalidade, de acordo com as várias descrições, muito semelhantes entre si, era desenvolver "um espírito de diligência, parcimônia e piedade" nos filhos dos pobres. Os professores das escolas dominicais de Caistor (Lincs) recebiam instruções para

... dominar a ferocidade das paixões insubmissas das crianças; reprimir a excessiva rudeza dos seus costumes; castigar a desagradável e desmoralizadora obscenidade da

1. H. More, *Strictures on the Modern System of Female Education* (1799), p. 44.

sua linguagem; controlar a persistente rebeldia dos seus de- sejos; torná-los honestos, obedientes, cordiais, diligentes, submissos e metódicos...²

As pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das fábricas, por um lado, e das escolas dominicais, por outro, esten- dendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta. Juntamente com os instru- mentos disciplinares das fábricas, das igrejas, das escolas, dos ma- gistrados e dos militares, havia outros meios semi-oficiais para se impor um comportamento moralizado e disciplinado. Wilberforce, o auxiliar de Pitt para assuntos morais, combinou o *ethos* me- todista com a unção da Igreja Oficial, tendo sido o mais ativo de- fensor desta causa entre 1790 e 1810. Em 1797, ele interpretou detalhadamente a "lei geral da subordinação" e formulou instrui- ções para o controle dos pobres:

... a sua condição de inferioridade é atribuída pela mão de Deus. Sua função é a de cumprir fielmente todas as obrigações e suportar pacientemente as inconveniências. O estado atual das coisas é muito breve; as questões pelas quais as criaturas mundanas se batem não são dignas de atenção...³

Por volta de 1890, ele pôde manifestar sua satisfação pelo fato do Jacobinismo não representar mais uma ameaça, contudo, cada manifestação de indisciplina moral representava um risco de ressurreição. "Estamos sempre alertas para as transgressões políti- cas", segundo escreveu, "mas totalmente insensíveis para os crimes morais."

A esse respeito, ele era muito modesto, pois sua própria Sociedade pela Supressão do Vício tinha denunciado, com sucesso, 623 casos de desrespeito às leis do *Sabbath*, em apenas dois anos

2. R. C. Russell, *History of Elementary Schools & Adult Education in Nettleton and Calster (Caistor, 1960)*, pp. 5, 7.
3. W. Wilberforce, *A Practical View of the Prevailing Religious System of Professed Christians (1797)*, pp. 405-6.

(1801 e 1802).⁴ A sua convicção a respeito da correlação íntima entre o relaxamento moral e a sedição política das classes mais baixas era, na realidade, bastante comum na classe a que ele per- tencia. As denúncias contra bebedeiras e atitudes obscenas cresce- ram; o bispo Watson de Llandaff, velho inimigo de Blake, pregou um sermão, em 1804, em que classificou o papel do delator comum como "uma nobre missão... tanto do ponto de vista religioso, quanto do político". As diversões dos pobres foram alvo de uma forte oposição religiosa e legal, e até mesmo as mais inócuas foram consideradas impróprias. A Sociedade pela Supressão do Vício estendeu sua esfera de ação para as "cervejas de dois penies, bazares de pão de gengibre e quadros obscenos".⁵ Os banhistas nus eram perseguidos como se fossem criminosos sujeitos às car- retas de condenados e à guilhotina. "A respeito do adultério", escreveu John Bowdler, sombriamente, "alguns pensam que deve- riamos puni-lo com a pena capital, a exemplo da lei judaica". Os evangélicos exortavam as classes superiores a mudarem seus hábi- tos, como exemplo para os pobres. Até mesmo no seio da "so- ciedade", observou-se, nos anos pós-revolucionários, "uma cres- cente reserva nas atitudes... fatal para a sociabilidade e o bom humor".⁶

O processo de imposição da disciplina social não deixou de encontrar resistências. A tentativa dos partidários do dr. Bowdler de aprovar uma nova legislação que permitisse a prisão dos adul- teros fracassou na Câmara dos Comuns. Ao contrário das pe- nalidades impostas aos transgressores do *Sabbath* comuns, aos vagabundos, funileiros ambulantes, dançarinos e acrobatas, aos cantores de baladas, livre-pensadores e aos banhistas nus, a legis- lação contra o adultério estava sujeita a objeções, porque criaria obstáculos a uma diversão comum aos ricos e aos pobres. Outras

4. Ver L. Radzinowicz, op. cit., III, p. 504-6, e partes 3 e 4 *passim*. Ver também G. R. Taylor, op. cit., p. 36: "... o período de mudanças decisivas na moral não correspondeu à época da ascensão de Vitória ou à qualquer outra no século 19, mas ... à década de 1790".
5. *Gorgon*, 24 de abril de 1819.
6. T. Moore, *Life of Sheridan (1825)*, p. 217.

tentativas visando a limitar o lazer do povo foram derrotadas na Câmara dos Comuns por frágeis maiorias constituídas graças à inércia do *laissez-faire*, à defesa das liberdades do indivíduo pela facção foxista e à tradicional tolerância *tory* com a estratégia do “pão e circo”, aliada a sua aversão pelo “fanatismo” metodista (uma ironia, naquela época, foi a defesa que o ministro da guerra, Windham, fez em favor das arenas de touros, opondo-se tanto aos evangélicos quanto aos reformistas — uma defesa que arrancou gritos por “Windham e Liberdade!” das fortalezas de Satã).

Embora tenham perdido algumas escaramuças legislativas, os defensores da disciplina venceram a batalha da Revolução Industrial; neste processo, o temperamento “irlandês” freqüentemente atribuído aos pobres ingleses do século 18, tanto no campo quanto nas cidades, transformou-se no estilo de vida metódico do capitalismo industrial. No campo, esta mudança podia ser claramente observada no triunfo da economia monetária sobre a produção de subsistência camponesa, caracterizada por um ritmo inconstante e “anti-econômico”. Nas regiões industriais, podia-se observá-la na expansão da disciplina fabril, condicionada pela campanha e pelo relógio, do trabalho às horas de lazer, dos dias úteis ao *Sabbath*, e também nas tentativas de supressão do “domingo do sapateiro”, das feiras e dos feriados tradicionais.

Apesar do significado econômico da feira típica do século 18 ainda ser grande — os arrendamentos anuais, as feiras de gado e de cavalos, a venda de produtos variados — não podemos ignorar a sua importância na vida cultural dos pobres. No início da Revolução Industrial, o ano de um trabalhador ainda se compunha de ciclos de grande fadiga e provisões escassas, intercalados por dias de festa, em que a bebida e a carne eram mais abundantes, as crianças ganhavam laranjas e fitas, e as danças, o namoro, as visitas sociais e os esportes envolviam o povo. Praticamente até o final do século 19, havia uma série de feiras que se realizavam por todo o país (as autoridades tentaram em vão limitar ou simplesmente proibir muitas delas), nas quais se podiam encontrar grupos de mascates, trapaceiros, ciganos autênticos ou

não, cantores ambulantes e quinquilheiros.⁷ Um cronista de Northumberland escreveu, em 1750, a respeito do *Whit Monday*:

... participavam dos Carton Sports, com as selas, rédeas, chicotes, etc., e todo o necessário para a montaria. (...) Um grande número de rapazes e moças distraía-se com um passatempo que é conhecido aqui como “Perder a Ceia”. (...) Depois de tudo isso, dirigiam-se às cervejarias, e os homens passavam a noite beijando e divertindo-se com suas amadas...

Três semanas mais tarde, realizava-se o *Lebberston Sport* — “jogavam-se discos numa vasilha de cobre... havia também uma pomba habilmente entretida com fitas de diversas cores e outros finos ornamentos, que era disputada pelas moças num concurso de dança...”⁸ Em 1785, um magistrado de Bolton queixava-se de que, numa época em que um pacote de farinha de aveia era vendido por dois guinéus,

... o povo não parecia padecer de maiores privações nesta cidade, pois, numa tarde, pude observar uma grande procissão de rapazes e moças, com rabecas, coroas de flores e outros ornamentos rurais, dançando *morris** pela estrada, simplesmente para celebrar um aniversário, ou, como eles preferiam chamar já há um ou dois anos, uma feira, numa sórdida cervejaria coberta de palha, nas terras comunais vizinhas.⁹

Podemos nos sentir tentados a explicar o declínio dos antigos esportes e dos festivais simplesmente a partir da substituição dos valores “rurais” pelos “urbanos”, mas isso é ilusório. Os entretenimentos mais rudes, desde os praticados nas festas mais sociáveis até os mais brutais, como o pugilismo e as brigas de animais, po-

7. O leitor se recordará dos romances de Wessex, de Hardy. Sobre algumas das feiras da década de 1830, ver *First Report of the Constabulary Commission*, p. 30-42.

8. Beswick MS. Diary, citado em G. R. Taylor, op. cit., p. 16.

* Antiga dança folclórica comum na Inglaterra em épocas passadas, especialmente durante o May Day, em que se usavam trajes reproduzindo os personagens da lenda de Robin Hood. (N. do T.)

9. B. T. Barton, *Historical Cleanings of Bolton* (Bolton, 1881), I, p. 263.

diam ser observados tão (ou mais) frequentemente em Londres ou nas grandes cidades quanto no campo, durante o século 18. Eles persistiram no decorrer do século 19 com um vigor que recordava as tradições indomáveis dos aprendizes londrinos, na época dos Tudor, e o fato de que uma elevada proporção de londrinos havia emigrado das vilas. O maior de todos os festivais era a Feira de Bartolomeo, com suas exposições de animais selvagens, batedores de carteira, pantomimas de Arlequim e Fausto, representações teatrais, exibições de equitação, além da presença de trapaceiros de cartas. Em 1825, o *Trades Newspaper* fazia a seguinte queixa:

Há várias semanas, ela vem sendo condenada nos púlpitos e na imprensa; revivem-se histórias de aprendizes que foram desviados dos rumos da honestidade, de donzelas arruinadas, de rixas e ferimentos...¹⁰

Na década anterior, as autoridades temeram que esta feira se tornasse “um encontro para a sedição generalizada e um ponto de partida para a insurreição”.¹¹

Por outro lado, a Revolução Industrial, que removeu do campo algumas das suas atividades típicas, destruindo o equilíbrio entre a vida urbana e rural, criou também uma falsa imagem de isolamento e “idiotismo” rural. Na realidade, a cultura urbana na Inglaterra, durante o século 18, era mais “rural” (na sua conotação usual), e a cultura rural, mais rica do que freqüentemente se supõe. “É um grande equívoco imaginar”, insistia Cobbett, “que o povo se torna estúpido por viver sempre no mesmo lugar”. A maioria das novas cidades industriais não deslocou o campo, mas cresceu *sobre* ele. A configuração industrial mais comum no princípio do século 19 foi o centro comercial ou manufatureiro que servia de ponto de convergência num círculo de vilas industriais dispersas. As grandes conurbações do final do século 19 formaram-se na medida em que estas vilas se tornavam subúrbios e as construções invadiam as fazendas.

10. 11 de setembro de 1825.

11. *Sherwin's Weekly Political Register*, 15 de setembro de 1817.

Porém, em todo este processo, não houve nada suficientemente violento para provocar a ruptura das tradições mais antigas. No sul de Lancashire, os costumes locais, as superstições e os dialetos das regiões ceramistas, do West Riding e do Black Country não foram abandonados, nem substituídos: o artífice da vila ou da pequena cidade converteu-se, gradualmente, no trabalhador industrial. Bamford registrou na sua obra *Early Days* o vigor das tradições nas vilas têxteis de Lancashire, na virada do século. Havia histórias de bruxas, duendes e “fadas”; o pugilismo brutal e as lutas de galo; certos costumes, como as “corridas a pé” (na Páscoa) e a cavalo; os dias santos com suas celebrações tradicionais — o natal, o carnaval, o “Gymbalin Sunday” e a festa de dedicação em agosto, quando se dançava *morris* em cidades como Middleton, Oldham ou Rochdale:

Meus novos sapatos são tão bons

Que eu poderia dançar *morris*, se quisesse.

Se eu pusesse um chapéu e uma camisa,

Dançaria o *morris* como os melhores.*

Havia também a “Ofensa Inocente” (*Mischief Neet*) no dia 1.º de maio, quando os rapazes deixavam senhas diante das casas das mulheres:

O ramo de espinhos indicavam uma mulher notoriamente desonesta; o ramo de azevím, que era amada em segredo; o broto de uma árvore, um amor sincero; o ramo de bétula, uma bela moça.¹²

Podemos juntar ao quadro traçado por Bamford, a respeito da década de 1790, as reminiscências de Joseph Lawson sobre uma vila têxtil “atrasada” em West Riding, Pudsey, na década de 1820, permitindo-se, assim, o confronto do antigo e do novo modo de vida, num momento de transição. As casas espalhavam-se “como se tivessem brotado de sementes jogadas ao acaso”, as ruas eram escuras e não tinham pavimentação, os grupos de casas estavam

* My new shoon they are so good, / I cou'd dance morrice if you wou'd; / An' if hat an' sark be drest, / I will doance morrice w' the best.
12. *Early Days*, caps. 13 a 16.

rodeados de currais e passagens sinuosas. Os cômodos eram baixos, e as janelas, sempre pequenas, não tinham caixilhos:

Há um brutal desconhecimento da ciência sanitária. Um médico, ao entrar numa casa em que alguém está com febre, receita, em primeiro lugar, um pouco de ar fresco, quebrando uma vidraça com a sua bengala.

A maioria das casas não tinha forno, apenas um fogareiro de pedra para assar. Os pisos de pedra eram arenosos, e a mobília, simples e escassa: "em algumas casas, pode-se encontrar uma arca de carvalho ou uma caixa para guardar o dinheiro, herdada da família, ou um pequeno armário instalado num canto, e uma caixa para as canecas e os pratos". A água também era escassa, e, nos dias de lavar roupa, formavam-se filas de vinte ou mesmo trinta pessoas diante dos poços. O carvão e as velas eram dispendiosos, e no inverno os vizinhos costumavam se reunir para partilhar o fogo. Preparavam-se o pão e a cerveja em casa. O pão branco e a carne eram considerados um luxo: "o bolo de aveia, o pão integral, a sopa de morcela, o leite desnatado, as batatas e a cerveja caseira, que eles sempre chamavam de 'bebida', constituíam os principais alimentos".

A escassez cotidiana era quebrada pelas festas e outros acontecimentos circunstanciais, quando se comprava "um pedaço de carne de boi", e todos iam à feira: ali, vendiam-se pães de gengibre, frutas e brinquedos, havia representações da batalha de Waterloo, apresentações de Polichinelo e Judy, tendas de jogos e *swings*, além do habitual "mercado do amor", em que os rapazes cortejavam as moças, presentando-as com pãezinhos de gengibre e nozes. Poucos trabalhadores podiam ler e entender um jornal, mas era comum a leitura em voz alta das notícias nas ferrarias, barbearias e tavernas. Uma boa parte das novidades era ainda divulgada pelos vendedores de cartazes e pelos cantores de rua. As velhas superstições ainda aterrorizavam os velhos e os jovens. Havia fantasmas na Fonte da Desordem (*Jumble's Well*), na Murralha da Força (*Bailey Gallows*) e no Beco do Duende (*Boggard Lane*); os pais castigavam freqüentemente seus filhos, trancando-os "em porões e em outros lugares escuros para que os duendes

negros os levassem". "Outra superstição ainda mais séria e pre-judicial, corrente em toda parte, era a crença de que a morte de uma criança se devia à vontade do Senhor." Os reformistas sanitários eram considerados "infelizes". Freqüentemente se organizavam brigas de galo e de cães, e, nos dias de festa, se podiam "ver vários círculos de pessoas assistindo a lutas entre homens nus, que às vezes combatiam durante uma hora, até ficarem irreconhecíveis..." A embriaguez era corriqueira, especialmente nas festividades e no "domingo de sapateiro", comemorado não só pelos sapateiros, mas também pelos tecelões e remendões. Havia uma série de passatempos menos violentos, como *Knur and spell**, pula-sela e jogar futebol pelas ruas. A vila assemelhava-se a um clã, constituindo uma comunidade fechada, mesmo para os que vivessem a apenas duas ou três milhas de distância. Sobreviviam algumas tradições muito antigas, como a *Riding the Steng*, na qual uma multidão vociferante arrastava pelas ruas uma efigie de palha de um homem que costumasse maltratar sua mulher, ou de uma mulher lasciva, para ser queimada diante da casa do transgressor.¹³

Ao invés de destruir as tradições locais, é possível que nos primeiros anos da Revolução Industrial, tenha ocorrido um crescimento da autoconsciência e do orgulho provincianos. Antes de 1780, South Lancashire e West Riding não eram simples ermos rurais, pois representavam, por mais de dois séculos, importantes centros de indústrias domésticas. Conforme a nova disciplina fabril se inseria no modo de vida do trabalhador manual e se construíam as novas ruas da Corporação e da Coroação sobre Yep-fowd, T'Hollins e Frogg-Hole, a autoconsciência se aguçava. Na medida em que se percebiam as perdas, e um sentimento quase nacionalista se misturava a uma sensibilidade de classe na cultura dos trabalhadores industriais (as novas máquinas em oposição aos velhos costumes, a tirania londrina ou o capital "estrangeiro") contra o fabricante de tecidos local, o trabalhador irlandês rebaixando o salário do tecelão nativo). George Condy, um destacado divul-

* Trata-se de um jogo, do interior da Inglaterra, de solettar palavras a fazer nós. (N. do T.)
13. J. Lawson, *Progress in Pudsey, passim*.

gador do Movimento das 10 Horas, escreveu um prefácio para as *Traditions of Lancashire* de Roby, em 1830; Bamford foi apenas um dos vários autores plebeus que seguiram os passos do "Tim Bobbin" do século 18, ao celebrar e idealizar os costumes e os dialetos locais.

Tratava-se de uma resistência consciente ao desaparecimento de um antigo modo de vida, freqüentemente associada ao radicalismo político.¹⁴ Nesta mudança, a perda do tempo livre e a repressão ao desejo de se divertir tiveram tanta importância quanto a simples perda física dos direitos comunais e dos locais para recreio.¹⁵ Os preceitos puritanos de Bunyan ou de Baxter foram integralmente assimilados por Wesley: "Evite toda a frivolidade, como evitaria o fogo do inferno; e os gracejos, como as pragas e as blasfêmias. Não toque em nenhuma mulher..." O metodismo incluiu entre suas proibições os jogos de cartas, as roupas coloridas, os ornamentos pessoais e o teatro. Escreveram-se opúsculos contra as danças e as canções "profanas".¹⁶ Consideravam-se profundamente suspeitas as artes e a literatura que não tivessem motivações devocionais. O terrível *Sabbath* vitoriano começou a esender sua opressão antes mesmo do nascimento da Rainha Vitória.

Existem alguns tratados em que fica clara a força da determinação metodista em extirpar as tradições pré-industriais dos distritos manufatureiros.¹⁷ Numa Assembléia Trimestral em Shelf-

14. Cobbett sempre nos vem à mente, mas talvez a contribuição de William Hone para o registro dos antigos costumes tenha sido maior, graças à publicação de suas obras *Date Book*, *Every-Day Book* e *Table Book*, assim como *Sports and Pastimes* de Strutt, todas da década de 1820.

15. Ver os Hammond, *The Black Age*, cap. 6.

16. Os apologistas enfrentaram algumas dificuldades por causa da referência ao "tempo para dançar" no Eclesiastes. Mas como "não existe qualquer registro na Bíblia em que os dois sexos dançam em conjunto", argumentava-se que a permissão só se estenderia a membros de um mesmo sexo (separado do outro), para que dançassem em ocasiões sacras, à luz do dia, em dias da semana (não havia tampouco qualquer registro acerca destas condições). Ver A. Young, *A Time to Dance* (Glasgow, s.d.) e também Southey, op. cit., pp. 546-9.

17. Rev. James Wood, *An Address to the Members of the Methodist Societies* (1799), *passim*.

field, em 1799, comentou-se que alguns membros não estavam ainda "totalmente liberados do costume de *visitar* ou *receber visitas*, durante a *Festa Anual*". Estas festas, conhecidas como "Festas de Dedicção" (*Wakes*) em Derbyshire e Staffordshire, "Quermesses" em Lancashire, e "Folias" no oeste da Inglaterra, eram admissíveis no princípio, mas foram "terrivelmente prostituídas pelos propósitos mais diabólicos". Passava-se o tempo "comendo e bebendo sem moderação, falando de forma profana ou, no mínimo, inútil, rindo e gracejando, cometendo adultério e fornicação..." Qualquer participação, por menor que fosse, significava "culpabilidade com as obras estéreis das trevas". O dinheiro que podia ser economizado acabava sendo desperdiçado pelos pobres, e muitos contraíam dívidas. Os metodistas que tomassem parte nessas festividades expunham-se ao mundanismo dos não-convertidos, e poderia ocorrer alguma recada. Eles deviam se recusar a receber até mesmo os amigos e parentes não-convertidos, se eles fossem visitá-los, ou então entretê-los com a leitura de textos bíblicos, discursos sobre temas sacros ou com o canto de hinos, caso não fosse possível dispensá-los rapidamente:

Oh, Inglaterra, o que estamos fazendo? A morte grassa por toda parte. A peste começou. A cólera divina recará sobre todos os professos que não deram frutos. A inércia típica do pecado está entre nós...

Outros costumes que sobreviviam, como comer carne e beber em velórios, foram igualmente condenados. Não se devia tolerar nem mesmo a visita aos parentes num dia de *Sabbath* normal, salvo em caso de doença.¹⁸

O calor dos debates sugere que, em diversos lugares, como na Middleton de Bamford, a luta entre o antigo modo de vida e a nova disciplina foi dura e prolongada. O relato de Lawson a respeito de Pudsey apresenta o "povo da capela" como um

18. Os velórios representavam um importante acontecimento familiar, no qual o povo da cidade visitava os parentes no campo e "a filha casada ia até sua antiga casa com seus filhos". Howitt descreveu-os como "uma pequena pausa no mecanismo de servidão, sempre em funcionamento agora estas oportunidades". O mesmo autor relatou que os velhos das vilas,

grupo isolado da comunidade, por seus hábitos sombrios. Muitas pessoas criadas em famílias devotas condenaram violentamente a educação que receberam, como, por exemplo, William Lovett:

... obrigado a frequentar um local de culto três vezes todo o domingo, sendo proibida a leitura de qualquer livro, à exceção da Bíblia e do Livro de orações, sem poder desfrutar de um passeio, a não ser até a capela... são razões suficientes para justificar meus sentimentos, quando eu era um menino. Minha pobre mãe... acreditava que o grande poder que havia criado todas as coisas alegres, festas e encantadoras do ar e da terra devia ser reverenciado por homens com faces solenes, roupas sóbrias e um ar meio sonolento; e que a verdadeira religião consistia em escutar reiteradamente a história do pecado original...¹⁹

Para muitos homens da geração do pós-guerra, como Lovett, os metodistas pareciam incultos e retrógrados. Este fato recorda-nos a extrema dificuldade para se fazer qualquer generalização a respeito da moral dominante e dos hábitos das comunidades da classe operária, durante a Revolução Industrial. É evidente que ocorreram mudanças importantes entre 1780 e 1850. O trabalhador inglês "médio" tornou-se mais disciplinado, mais condicionado pelo ritmo de produção imposto pelo relógio, mais reservado e metódico, menos violento e espontâneo. Os esportes tradicionais foram substituídos por *hobbies* mais sedentários:

Atividades atléticas como a malha, a luta romana, o futebol, as barras e o arco e flecha tornaram-se antiquadas... hoje há criadores de pombos, reprodutores de canários e cultivadores de tulipas —

quando indagados a respeito de seus filhos e filhas que viviam na cidade, respondiam: "Bem, bem, nós os veremos no velório". Até mesmo o disciplinado Wedgwood foi derrotado pelos velórios, que "deviam ser respeitados como se o mundo fosse terminar com eles". R. E. Leader, *Reminiscences of Old Sheffield* (Sheffield, 1876), pp. 200-202; H. Howitt, *Rural Life of England* (1838), I, p. 59, pp. 245-54; N. McKendrick, op. cit., p. 46.

19. Lovett, op. cit., I, p. 8.

assim se lamentava um autor em Lancashire, em 1823.²⁰ Francis Place referia-se frequentemente a uma mudança, classificada por ele como um aumento da auto-estima e uma elevação do "caráter do trabalhador". "Considere inclusive o caso de Lancashire", escrevia ele, um mês após Peterloo:

Há poucos anos, todo forasteiro que passasse por estas cidades era "importunado", ou seja, enxotado, e às vezes se apedrejavam os "estranhos". "Bruto de Lancashire" era uma denominação comum e apropriada. Até muito recentemente, era perigoso reunir 500 ou mais deles, independentemente do motivo: os padeiros e os açougueiros corriam, no mínimo, o risco de serem saqueados. Hoje, mesmo que se juntem 100.000 pessoas, não ocorre qualquer distúrbio...²¹

Neste ponto, torna-se ainda mais difícil fazer uma avaliação. Embora muitos autores contemporâneos a estes acontecimentos, desde Cobbett até Engels, tenham lamentado o desaparecimento dos velhos costumes ingleses, não se deve considerar a questão apenas em termos idílicos. Nem todos os costumes eram inofensivos ou originais. As mães solteiras, que eram castigadas em casas de correção e, eventualmente, repudiadas pela própria paróquia da qual poderiam receber assistência, não tinham muitas razões para admitir a "alegre Inglaterra". O desaparecimento da Travessa do Gim (*Gin Lane*), da feira de Tyburn, das bebedeiras orgiásticas, da sexualidade animal e dos combates mortais em busca de prêmios, com tamancos com solas de pregos, não é motivo para lamentos.

Contudo, entre as velhas superstições e o novo fanatismo, é necessária toda a cautela diante da pretensão dos evangélicos de terem atuado em benefício da ilustração intelectual. Já observamos a tendência dos metodistas a fortalecerem suas seitas, a manterem seus membros isolados do contato com os não-convertidos e a se considerarem em estado de guerra contra as cervejarias e os habitantes das fortalezas de Satã. Nas comunidades em que os metodistas representavam um grupo minoritário, as atitudes se endure-

20. Guest, op. cit., pp. 38-9.

21. Wallas, op. cit., pp. 145-6.

ciam de ambos os lados: as confissões de virtude e as declamações contra o pecado revelavam mais sobre o seu rancor em relação às hostilidades do que sobre seus verdadeiros hábitos. Além disso, a atmosfera do princípio do século 19 estava carregada de acusações e réplicas, principalmente onde os valores dos trabalhadores manuais e dos operários industriais, ou os dos defensores e dos opositores ao trabalho infantil, estivessem em conflito. Os críticos do sistema fabril consideravam-no o destruidor da vida familiar, denunciando as fábricas como centros da mais flagrante imoralidade sexual. A linguagem grosseira e a postura auto-suficiente das operárias de Lancashire chocaram diversos observadores. Gaskell contrastou a inocência idílica dos trabalhadores domésticos, que passavam a juventude numa liberdade pagã que impunha o casamento apenas em caso de gravidez, com a promiscuidade febril das fábricas, onde alguns patrões envolviam as moças em cenas que —

ofuscariam as lascivas saturnais dos romanos, os rituais das sacerdotisas dos pagodes indianos e a vida no harém do otomano mais voluptuoso.²²

Não causa surpresa o fato de que estas descrições vividas indignavam tanto os patrões quanto os próprios trabalhadores industriais. Eles argumentavam que a taxa de filhos ilegítimos em muitos distritos rurais era superior à das cidades industriais. Em muitas fábricas, impunha-se a observação de um comportamento adequado. Se havia "otomanos" entre os industriais, havia também os paternalistas que demitiam toda jovem que cometesse algum lapso moral.

Não é fácil fazer um balanço. Por um lado, a pretensão de que a Revolução Industrial tenha elevado o status das mulheres parece pouco significativa diante do número excessivo de horas de trabalho, das moradias apertadas, da grande quantidade de partos e das elevadas taxas de mortalidade infantil. Por outro lado, a abundante oferta de empregos femininos nos distritos têxteis conferia às mulheres o status de assalariadas independentes.

22. *The Manufacturing Population of England*, p. 64.

tes. As mulheres adultas solteiras ou as viúvas libertaram-se da dependência em relação aos parentes ou à assistência paroquial. Até mesmo as mães solteiras podiam, graças ao relaxamento da "disciplina moral" em muitas fábricas, conquistar uma independência antes impossível. Nas maiores fábricas de seda em Macclesfield, patrões corretos orgulhavam-se por demitirem todas as moças que dessem qualquer "passo em falso". Um observador que confrontou esse comportamento com os hábitos mais complacentes de Manchester chegou a conclusões perturbadoras para os moralistas:

Pode observar muito freqüentemente... que, nos lugares onde as fábricas estão livres de mães de filhos ilegítimos, as ruas estão infestadas de prostitutas; ao contrário, nos locais onde as moças podem retornar ao trabalho, depois de dar a luz a uma criança, as ruas estão relativamente limpas destas criaturas infelizes.²³

O período apresenta muitos destes paradoxos. Os anos de guerra assistiram a um número exagerado de tratados exortativos e admonitórios, que limitavam ou combatiam as reivindicações pelos direitos da mulher, julgando-as ligadas ao "jacobinismo". A subordinação das mulheres no casamento era prescrita nos termos mais secos. "As escrituras cristãs", declarou Paley, impõem a obediência da esposa "em termos tão peremptórios e absolutos, que ela deve estender-se a todas as situações, desde que não envolvam atos criminosos ou totalmente incompatíveis com a felicidade da mulher".²⁴ Estes mesmos anos testemunharam também a persistência da tradição de uma minoria, principalmente entre os profissionais qualificados e os artesãos radicais das grandes cidades, que lançou propostas de um alcance nunca visto antes da Revolução Francesa. As reivindicações apresentadas na década de 1790 por Mary Wollstonecraft, William Blake e Thomas

23. W. Dodd, *The Factory System Illustrated*, p. 194. Margaret Hewitt discute alguns dos dados, principalmente de fontes posteriores à 1840, em *Wives and Mothers in Victorian Industry* (1958), esp. cap. 5.

24. W. Paley, *Concise Admonitions for Youth* (1809), p. 68. Ver também T. Gisborne, *Enquiry into the Duties of the Female Sex* (1797), esp. pp. 226-9.

Spence nunca foram completamente esquecidas, voltando a aparecer, não só no círculo de Shelley, mas também nas publicações radicais dos anos do pós-guerra. Elas foram expressas, num tom de autodepreciação, no *Black Dwarf*, numa forma mais incisiva nas publicações de Richard Carlile, e com força ainda maior por Anna Wheeler, William Thompson e pelo movimento owerista.²⁵ Contudo, foi precisamente nos distritos têxteis que a mudança do status econômico das mulheres deu lugar às primeiras participações maciças das trabalhadoras em agitações sociais e políticas. Nos últimos anos do século 18, as sociedades beneficentes femininas e os grupos de mulheres metodistas podem ter-lhes proporcionado maior autoconfiança — o direito das mulheres atuarem como pregadoras locais foi uma “heresia” wesyana persistente. Contudo, o aumento da demanda de trabalho, tanto nas fiações quanto nos teares manuais, durante os anos de guerra, acelerou o processo.²⁶ Em 1818 e 1819, as primeiras Sociedades Femininas pela Reforma foram fundadas em Blackburn, Preston, Bolton, Manchester, Ashton-unler-Lyne. Os relatos de Samuel Bamford, se forem confiáveis, indicam um súbito avanço no grau de conscientização. Numa reunião no distrito de Saddleworth, nos limites de Lancashire e Yorkshire,

durante um discurso, insisti no direito, e também na conveniência, das mulheres presentes à assembleia votarem com um aceno de mão, contra ou a favor das Resoluções. Esta era uma idéia nova, e as mulheres, que compareciam em grande número e ocupavam a parte superior do recinto, sentiram-se extremamente satisfeitas. Como os homens não se opuseram, a Resolução foi posta em votação, e as mulheres ergueram suas mãos, entre grandes gargalhadas. A partir dessa época, elas participaram de todas as reuniões radicais. (...) Logo se tornou comum a formação de uniões políticas femininas, com suas presidentes e comitês, além de

25. *Black Dwarf*, 9 e 30 de setembro de 1818. Sobre Carlile e os oweristas, ver E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, vol. III, “A força dos trabalhadores”, Paz e Terra, 1987, cap. 4.
26. A respeito do aumento do número de tecelãs durante as guerras, ver Ivy Pinchbeck, *Women Workers and the Industrial Revolution* (1930), pp. 164-6.

outras funções. Este exemplo foi seguido depois (...) [pelas] instituições religiosas e beneficentes.²⁷

(Em Newcastle, na mesma época, um correspondente de Jabez Bunting lamentava a falta cometida pelas “irmãdades de devotas” que estavam bordando bandeiras para os reformistas). Entre 1815 e 1835, observaram-se também os primeiros sinais de ação sindical independente das trabalhadoras. John Wade, num comentário a respeito de uma greve de 1.500 cardadoras em West Riding, em 1835, chegou a uma conclusão: “talvez os alarmistas considerem estes sinais de independência feminina mais ameaçadores às instituições estabelecidas do que a ‘educação das classes inferiores.’”²⁸

Contudo, há um sentimento paradoxal por trás deste avanço. O radicalismo das trabalhadoras do norte compunha-se de nostalgia pelo status perdido e de afirmação dos direitos recém-descobertos. De acordo com certas convenções que as influenciavam profundamente, o status da mulher dependia do seu desempenho como dona de casa na economia familiar, na administração e nas providências domésticas, na preparação da cerveja e do pão, na limpeza e na criação dos filhos. A nova independência, fruto do trabalho da indústria ou da dedicação integral ao tear, que via bilizou as novas reivindicações, era sentida ao mesmo tempo como uma perda de status e de independência pessoal. As mulheres tornaram-se mais dependentes dos patrões ou do mercado de trabalho, e passaram a se recordar de um passado “dourado”, quando os ganhos domésticos com a fiação, as aves e outras ocupações não exigiam o afastamento de casa. Nos bons tempos, a economia doméstica, assim como a camponesa, sustentava um modo de vida centrado no lar, no qual os caprichos e a coerção interna prevaleciam sobre a disciplina exterior. Todos os estágios do processo de especialização e diferenciação industrial atingiram a economia familiar, afetando as relações habituais entre marido e mulher, pais e filhos, e aumentando a distinção entre “traba-

27. *Passages in the Life of a Radical* (ed. 1893), pp. 141-2.
28. J. Wade, *History of the Middle and Working Classes* (1835), pp. 570-71.

lho" e "vida". Foi necessário esperar cem anos antes que esta diferenciação trouxesse algum benefício para as trabalhadoras, na forma de aparelhos que auxiliassem no trabalho doméstico. Enquanto isso, a família era brutalmente separada todas as manhãs pelo sino da fábrica, com a particularidade de que a mãe assalariada se sentia vivendo no pior lado dos dois mundos, o doméstico e o industrial.

"Em outros tempos, poderíamos ter-lhe dado boas-vindas, oferecendo-lhe uma mesa típica da hospitalidade inglesa, suprida pelo nosso trabalho" — assim se dirigiram as Mulheres Reformistas de Bolton a William Cobbett, em 1819: "tê-lo-íamos saudado com as faces rosadas das mulheres inglesas. (...) Mostrar-lhe-íamos nossas pequenas casas, que rivalizavam em limpeza e ordem com o palácio do nosso rei". As mulheres reformistas de Blackburn escolheram o mesmo tema — suas casas "pilhadas, sem adornos", suas camas "confiscadas... pela mão implacável de um coletor de impostos insensível" para que "arrematadores tirânicos" pudessem repousar sobre "colchões de penas", enquanto as famílias delas dormiam sobre palha. Acima de tudo, elas apelavam por seus filhos: "todos os dias, parte-nos o coração vê-los devorando avidamente a comida ordinária que alguns não dariam sequer aos porcos". Era natural que elas procurassem o apoio de Cobbett, que logo consolidaria este prestígio com o seu *Cottage Economy*, e também de Oastler, um defensor enfático do "lar". Nem Cobbett, nem Oastler defendiam a idéia do sufrágio feminino, que, aliás, nem era reivindicado pelas Sociedades de Mulheres Reformistas. O papel delas limitava-se a dar apoio moral aos homens, fazer bandeiras e gorros da liberdade que eram exibidos cerimoniosamente nas demonstrações reformistas, aprovar resoluções e declarações, e engrossar o número de participantes nas reuniões.²⁹ Contudo, mesmo estas formas limitadas de participação suscitaram a reação brutal dos seus adversários.

29. O início de outra tradição pode ser observado no relatório de um informante a respeito da União Política de Manchester, em 17 de novembro de 1819: "A união é extremamente pobre e precisou solicitar auxílio à União Feminina, pela incapacidade de arcar com seus custos" (H. O. 42.198).

As "reformistas de saia" de Manchester eram descritas no *Courier* como "mulheres infames", culpadas da "pior prostituição do seu sexo, a prostituição do coração", "tendo abandonado sua posição social" e trocado a "condição sagrada" de esposa e mãe "pelos vícios turbulentos da sedição e da grosseria". Independentemente da sua opinião sobre o sufrágio feminino, Cobbett não tinha segundas intenções ao sair em defesa das Mulheres Reformistas:

Como se as mulheres só servissem para preparar mingau de aveia e limpar a casa! Como se as mulheres não tivessem inteligência! Como se Hannah More e a pequena nobreza rural tivessem reduzido as mulheres inglesas ao mesmo nível das negras da África! Como se a Inglaterra nunca tivesse tido uma rainha...³⁰

II. Os Rituais de Reciprocidade

O "desaparecimento da velha Inglaterra" é um fenômeno que continua desafiando nossa capacidade de análise. Poderemos perceber mais claramente as linhas básicas da mudança, se recordarmos que a Revolução Industrial não representava um contexto social estável, mas uma fase de transição entre dois modos de vida. Devemos considerar, também, que havia diversas comunidades distintas coexistindo entre si, ao invés de uma única comunidade "típica" (Middleton ou Pudsey). A sudeste de Lancashire, por exemplo, encontravam-se separadas por poucas milhas a cosmopolita Manchester, para onde convergiam migrantes de todos os pontos do reino, vilas mineiras (como é o caso das minas de carvão do duque de Bridgewater) que emergiam do semifeudalismo, vilas onde persistiam padrões paternalistas (como Turton), novas cidades industriais (como Bolton) e aldeias têxteis mais antigas. Em todas estas comunidades, havia diversas influências convergentes sobre o trabalho, interferindo sobre a disciplina e o crescimento da consciência da classe operária.

30. *Political Register*. 23 de outubro, 29 de dezembro de 1819; *Courier*, 15 de julho de 1819.

A comunidade da classe operária do princípio do século 19 não foi um produto do paternalismo ou do Metodismo, mas principalmente do empenho consciente dos próprios trabalhadores. Em Manchester ou em Newcastle, as tradições dos sindicatos e das sociedades de auxílio mútuo, com sua ênfase sobre a autodisciplina e os propósitos comunitários, remontam ao século 18. Os hábitos dos tecelões de aviamentos que sobreviviam na década de 1750 já demonstravam uma atenção metódica com o comportamento e a etiqueta institucional. Os membros do comitê deviam sentar-se numa determinada ordem. As portas deviam conservar-se fechadas. Havia regras meticulosas sobre a proteção do "cofre". Costumava-se lembrar aos membros que "a intemperança, a animosidade e a profanação são a peste e a praga que corrompem a vitalidade de qualquer associação".

Se considerarmos esta sociedade não como uma corporação de trabalhadores, reunidos para se regalarm com cerveja e tabaco e conversarem sobre todos os assuntos, indistintamente, mas como uma sociedade formada para proteger os direitos e os privilégios de um ofício do qual algumas centenas de pessoas... dependem... é embaraçoso ver seus membros misturados promiscuamente entre outros, falando sobre qualquer tema...

"Ordem e Honestidade" eram os principais lemas. Havia uma expectativa, inclusive, de que, quando os "cavalheiros e magistrados" constatassem a sua disciplina, "tenderiam a reverenciar ao invés de punir semelhante sociedade".³¹

Este era o código observado por todo artesão orgulhoso de seu ofício, embora a esperança de que sua sobriedade conquistasse a simpatia das autoridades foi amplamente desapontada. Homens como Hardy e Place receberam sua educação em meios similares a este, em Londres. Mas na medida em que a Revolução Industrial avançava, este código (às vezes sob a forma de regras padronizadas) estendeu-se a setores cada vez mais amplos da classe operária. Pequenos artesãos, artesões e trabalhadores, todos

31. Wadsworth e Mann, op. cit., pp. 345-7.

tentavam garantir-se frente aos riscos de doença e desemprego, e às despesas funerárias,³² participando de *box clubs* ou de sociedades de auxílio mútuo. A disciplina necessária para a custódia dos fundos, para a condução organizada das reuniões e para a resolução de situações controversas exigia um autocontrole tão grande quanto a nova disciplina do trabalho. Um exame das regras e das normas das sociedades de auxílio mútuo existentes em Newcastle e em seu distrito, durante as Guerras Napoleônicas, forneceu-nos uma lista de multas e penalidades mais severas do que as aplicadas pelos mestres-algodoeiros de Bolton. Todas as sociedades Gerais impunham multas sobre qualquer membro que "censurasse" outro por estar recebendo o auxílio-enfermidade, que bebesse durante o *Sabbath*, batesse em algum colega, "chamasse alguém pelo apelido", entrasse embriagado na sala da associação ou invocasse o nome de Deus em vão. A Fraternidade dos Preparadores de Malte acrescentava multas por embriaguez em *qualquer* ocasião e por não-comparecimento aos funerais dos companheiros ou de suas esposas. Os vidreiros (cuja associação foi criada em 1755) pagavam multa sempre que falassem às reuniões, se recusassem a cumprir seu turno na escala de serviços, não mantivessem silêncio quando ordenado, falassem simultaneamente, replicassem ao moderador nas reuniões, fizessem apostas dentro da sociedade ou (uma regra comum) revelassem os segredos da sociedade. Além disso,

as pessoas infames, de mau caráter, briguentas ou desregradadas não devem ser admitidas nesta sociedade. (...) Não se admitirão mineiros, carvoeiros, poceiros ou remadores...

Os remadores, para não ficarem atrás, acrescentaram uma regra excluindo dos benefícios todo membro que adocesse por

32. Os trabalhadores atribuíam um valor excepcional à cerimônia fúnebre: um funeral miserável representava a desgraça social suprema. A cerimônia, enriquecida pelos costumes tradicionais, preocupava os moribundos. "Gostaria de ser carregado", escreveu um luddista condenado, "por John Rawson, John Roberts e John Poper. Querida esposa, escolha você mesma os outros três". *The Surprising ... History of "General Ludd"* (Nottingham, s. d.), p. 239.

“ter-se deitado com uma mulher imoral e que contraisse gonorréia ou sífilis”. A Sociedade Unânime interrompia o pagamento do auxílio-enfermidade de qualquer membro que fosse encontrado “em cervejarias, bebendo ou jogando”. Com a finalidade de manter sua unidade, havia multas para os membros que propusessem “discussões ou discursos sobre assuntos políticos ou eclesiais-ticos, ou sobre o governo e os governantes”. A Sociedade de Auxílio Mútuo de Todos os Ofícios tinha uma regra semelhante a respeito dos “acessos de raiva” nos jogos de dama, e uma multa “para todo membro que deixasse de denunciar um companheiro, quando tivesse oportunidade”. Os sapateiros criaram ainda outras multas para os que pediam bebida ou tabaco sem a autorização do representante. A Casa dos Marceneiros e dos Carpinteiros proibia os “sentimentos desleais” e as “canções políticas”.³³

Possivelmente, algumas destas regras, como a proibição de canções e discursos políticos, só eram acatadas com restrições. Enquanto algumas das sociedades funcionavam como caixas beneficentes seletas, formadas por vinte ou trinta artesãos que se reuniam numa estalagem, outras serviam, provavelmente, de cobertura para a atividade sindical; em Newport e em Sheffield, é possível que, após a aprovação dos *Two Acts*, a formação de sociedades de auxílio mútuo encobrisse organizações jacobinas (uma sociedade de auxílio mútuo reconhecia, em 1816, o “caráter pacífico, leal e patriótico dos regulamentos” de diversas sociedades de Newcastle, mas se queixava de que eles eram frequentemente insuficientes para evitar “debates exaltados e uma linguagem violenta”).³⁴ As autoridades encaravam estas socie-

des com profunda desconfiança durante os anos de guerra, de maneira que um dos propósitos da sua extensa relação de regras era assegurar o registro junto aos magistrados locais. Contudo, qualquer pessoa familiarizada com a conduta e a etiqueta de alguns sindicatos e clubes de trabalhadores de hoje reconhecerá em diversos daqueles regulamentos a origem de hábitos ainda vigentes. Considerados em conjunto, eles indicam a aquisição de autodisciplina e a difusão de experiências, num grau impressionante.³⁵

As estimativas a respeito do número de membros das sociedades de auxílio mútuo indicam 648.000 em 1793, 704.350 em 1803 e 925.429 em 1815. Embora o registro junto aos magistrados, de acordo com o primeiro Decreto sobre as Sociedades de Auxílio Mútuo de 1793, tornasse possível a defesa legal dos fundos, no caso de ocorrer negligência dos funcionários, um grande número (desconhecido com precisão) de clubes deixou de se registrar, quer pela hostilidade das autoridades, quer pela inércia provinciana ou pela profunda tendência à clandestinidade, ainda forte no princípio da década de 1840 em Sheffield, fato que prejudicou as investigações realizadas pelo dr. Holland, naquela época. Até 1815, praticamente todas as sociedades tinham um caráter estritamente local e autônomo, acumulando as funções de fundo para o seguro contra enfermidade, clubes de convivência noturna e organizadoras de “excursões” ou festas anuais. Em 1805, um observador pôde ver, nas proximidades de Matlock —

33. *Laws and Orders of the Friendly Society who meet at the House of Mr Wm Forster*... (N. Shields, 1795), p. 11; *Rules and Orders of the Brotherhood of Malsters* (Newcastle, 1796), p. 6; *Articles, Laws and Rules of the Glass-makers Friendly Society* (Newcastle, 1800), p. 5, 11, 15; *Articles... of the Friendly Society of Waterman* (Newcastle, 1804), p. 11; *Articles... of the Unanimous Society* (Newcastle, 1804), p. 9; *Articles... of the Friendly Society of All Trades* (Newcastle, 1804), p. 9; *Articles... of the Society of Cordwainers* (Hexham, 1806), p. 8; *Rules of the Philanthropic Society of House-Carpenters and Joiners* (Newcastle, 1812), p. 7; *Articles... of the Miners Society* (Newcastle, 1817).
34. *A Short Account of the Benevolent Society... at Messrs Angus Manufactory* (Newcastle, 1816).

35. A respeito do status legal das sociedades de auxílio mútuo nesta época, ver P. H. J. Gosden, *The Friendly Societies in England* (Manchester, 1961), p. 5. Sobre a composição social das sociedades em Sheffield, ver G. C. Holland, op. cit., cap. 17.

Sheffield não se pode dar, limitando-se ao chá e, geralmente, a cantar, dançar, fumar e tomar sangria.³⁶

Poucos membros das sociedades de auxílio mútuo tinham um status social superior ao de escriturários ou de pequenos comerciantes, e a maioria se constituía de artesãos. O fato de que todos eles contribuíssem para os fundos depositados na sociedade reforçava a estabilidade da filiação e a participação vigilante na administração. Praticamente não havia associados de classe média, e, embora alguns empresários as considerassem favoravelmente, sua administração não dava margem a uma supervisão paternalista. As falências provocadas por ignorância em questões atuariais ocorriam com frequência, e os casos de funcionários desonestos não eram raros. Difundidas por todo o país, estas sociedades representavam, muitas vezes, uma dura escola de experiência com a realidade.

A forte tendência à clandestinidade das sociedades de auxílio mútuo e a sua opacidade diante do escrutínio das classes superiores são uma prova autêntica do desenvolvimento de uma cultura e de instituições independentes da classe operária. A partir desta subcultura, criaram-se os sindicatos menos estáveis; no seio dela, formou-se a futura geração de funcionários sindicais.³⁷ Os regulamentos dos sindicatos, em muitos casos, não passavam de versões mais elaboradas do código de conduta dos clubes de seguro contra doença. Às vezes, como no caso dos cardadores, houve uma contribuição adicional, através das normas das ordens maçônicas secretas:

Principiantes, o desígnio de todas as nossas Lojas é o amor
[e a unidade,

36. T. A. Ward, op. cit., p. 78. Ver também J. H. Priestley "Ripponden Female Society", *Trans. Halifax Antiq. Soc.*, 1943.

37. As autoridades queixavam-se continuamente de que as sociedades de auxílio mútuo permitiam a seus membros retirarem os fundos durante as greves. Em 1812, descrevia-se Macclesfield como "um ninho de associações ilícitas", "repleta de sociedades funerárias e de auxílio à doença que são o germe da revolução". C. S. Davies, *History of Macclesfield* (Manchester, 1961), p. 180.

Nossa proteção, fundada nas leis da equidade.
Quando você tiver completado o exame dos nossos direitos.
Todos os nossos segredos lhe serão revelados.*³⁸

Após a década de 1790, sob o impacto da agitação jacobina, os preâmbulos dos regulamentos das sociedades de auxílio mútuo adquiriram uma nova ressonância. Uma das conseqüências mais inesperadas da linguagem do "homem social" introduzida pela filosofia do Iluminismo foi a sua reprodução nos regulamentos de clubes obscuros que se reuniam em tavernas, legais ou clandestinas, da Inglaterra industrial. Em Tyneside, as sociedades "sociais" e filantrópicas expressavam suas aspirações em termos que incluíam desde frases supérfluas — "uma sociedade segura, duradoura e fraternal", "promover a amizade e a verdadeira caridade cristã", "o homem não nasce por si próprio" — até afirmações filosóficas de maior impacto:

O homem, por sua constituição física e sua capacidade mental, é um ser destinado à vida em sociedade. (...)

Nós, membros desta sociedade, consideramos seriamente que o homem é um ser social... dependendo permanentemente de assistência mútua e amparo; e tendo incorporado aos nossos estatutos estas inclinações humanitárias que sempre sentimos diante da aflição de qualquer um de nossos companheiros...³⁹

As sociedades de auxílio mútuo, por existirem em muitas comunidades diferentes, representaram uma influência cultural unificada. Apesar da sua lentidão na formação de federações, por motivos financeiros e legais, contribuíssem para a criação de

* Strangers, the design of all our Lodges is love and unity./ With self-protection founded on the laws of equity./ And when you have our mystic rights gone through./ Our secrets all will be disclosed to you.

38. [E. C. Tuffnell], *The Character, Objects and Effects of Trades' Unions* (1834, reimpresso em 1934), p. 42 e ss.

39. *Rules ... of Sociable Society* (Newcastle, 1812), *Articles of the Good Friendly Society at West Boldon* (Sunderland, 1811); *Rules of the Unanimous Society* (Newcastle, 1804). A respeito da influência metodista sobre os regulamentos, ver também H. J. Malby, "Early Bradford Friendly Societies", *Bradford Antiquary*, VII, 1933.

Sheffield não se pode dar, limitando-se ao chá e, geralmente, a cantar, dançar, fumar e tomar sangria.³⁶

Poucos membros das sociedades de auxílio mútuo tinham um status social superior ao de escriturários ou de pequenos comerciantes, e a maioria se constituía de artesãos. O fato de que todos eles contribuíam para os fundos depositados na sociedade reforçava a estabilidade da filiação e a participação vigilante na administração. Praticamente não havia associados de classe média, e, embora alguns empresários as considerassem favoravelmente, sua administração não dava margem a uma supervisão paternalista. As falências provocadas por ignorância em questões atuariais ocorriam com frequência, e os casos de funcionários desonestos não eram raros. Difundidas por todo o país, estas sociedades representavam, muitas vezes, uma dura escola de experiência com a realidade.

A forte tendência à clandestinidade das sociedades de auxílio mútuo e a sua opacidade diante do escrutínio das classes superiores são uma prova autêntica do desenvolvimento de uma cultura e de instituições independentes da classe operária. A partir desta subcultura, criaram-se os sindicatos menos estáveis; no seio dela, formou-se a futura geração de funcionários sindicais.³⁷ Os regulamentos dos sindicatos, em muitos casos, não passavam de versões mais elaboradas do código de conduta dos clubes de seguro contra doença. Às vezes, como no caso dos cardadores, houve uma contribuição adicional, através das normas das ordens maçônicas secretas:

Principiantes, o desígnio de todas as nossas Lojas é o amor
[e a unidade,

36. T. A. Ward, op. cit., p. 78. Ver também J. H. Priestley "Ripponden Female Society", *Trans. Halifax Antiq. Soc.*, 1943.

37. As autoridades queixavam-se continuamente de que as sociedades de auxílio mútuo permitiam a seus membros retirarem os fundos durante as greves. Em 1812, descrevia-se Macclesfield como "um ninho de associações fictícias", "repleta de sociedades funerárias e de auxílio à doença que são o germe da revolução". C. S. Davies, *History of Macclesfield* (Manchester, 1961), p. 180.

Nossa proteção, fundada nas leis da equidade.
Quando você tiver completado o exame dos nossos direitos.
Todos os nossos segredos lhe serão revelados. * 38

Após a década de 1790, sob o impacto da agitação jacobina, os preâmbulos dos regulamentos das sociedades de auxílio mútuo adquiriram uma nova ressonância. Uma das consequências mais inesperadas da linguagem do "homem social" introduzida pela filosofia do Iluminismo foi a sua reprodução nos regulamentos de clubes obscuros que se reuniam em tavernas, legais ou clandestinas, da Inglaterra industrial. Em Tyneside, as sociedades "socialis" e filantrópicas expressavam suas aspirações em termos que incluíam desde frases supérfluas — "uma sociedade segura, duradoura e fraternal", "promover a amizade e a verdadeira caridade cristã", "o homem não nasce por si próprio" — até afirmações filosóficas de maior impacto:

O homem, por sua constituição física e sua capacidade mental, é um ser destinado à vida em sociedade. (...)

Nós, membros desta sociedade, consideramos seriamente que o homem é um ser social... dependendo permanentemente de assistência mútua e amparo; e tendo incorporado aos nossos estatutos estas inclinações humanitárias que sempre sentimos diante da aflição de qualquer um de nossos companheiros...³⁹

As sociedades de auxílio mútuo, por existirem em muitas comunidades diferentes, representaram uma influência cultural unificada. Apesar da sua lentidão na formação de federações, por motivos financeiros e legais, contribuíam para a criação de

* Strangers, the design of all our Lodges is love and unity./ With self-protection founded on the laws of equity./ And when you have our mystic rights gone through./ Our secrets all will be disclosed to you.

38. [E. C. Tuffnell], *The Character, Objects and Effects of Trades' Unions* (1834, reimpresso em 1934), p. 42 e ss.

39. *Rules ... of Sociable Society* (Newcastle, 1812), *Articles of the Friendly Society at West Boldon* (Sunderland, 1811); *Rules of the Good Intent Society* (Newcastle, 1815); *Articles of the Unanimous Society* (Newcastle, 1804). A respeito da influência metodista sobre os regulamentos, ver também H. J. Maltby, "Early Bradford Friendly Societies", *Bradford Antiquary*, VII, 1933.

federações sindicais regionais e nacionais. Suas concepções sobre o "homem social" também estimularam o crescimento da consciência da classe operária. Sua linguagem fundiu os princípios da caridade cristã e as imagens de "fraternidade" latentes na tradição metodista (ou morávia) * com os conceitos sociais do socialismo owenista. Muitas das primeiras sociedades owenistas introduziram seus regulamentos com um versículo de Isaías (XLI, 6): "Cada um auxiliará o seu próximo, e dirá a seu irmão: Esforça-te". Durante a década de 1850, circulava uma infinidade de hinos e canções de sociedades de auxílio mútuo ou de sindicatos, elaborados sobre este tema.

Raymond Williams sugeriu que "o principal elemento característico da vida inglesa a partir da Revolução Industrial é... a coexistência de idéias alternativas sobre a natureza das relações sociais". Em contraste com as idéias da classe média sobre o individualismo ou (na melhor das hipóteses) sobre a assistência, "o que se entende propriamente por 'cultura da classe operária'... é a idéia básica do coletivismo, e as instituições, manei- ras, hábitos de pensamento e intenções que provêm dela".⁴⁰ As sociedades de auxílio mútuo não "provêm" de uma idéia: tanto as idéias quanto as instituições surgem em resposta a certas experiências comuns. Contudo, a distinção é importante. Na estrutura celular rudimentar das sociedades de auxílio mútuo, com seu caráter eminentemente prático, podemos observar diversos traços que se reproduziram em organizações mais sofisticadas e complexas, como os Sindicatos, os Clubes Hampden, as Uniãoes Políticas, e as Lojas Maçônicas caristas. Ao mesmo tempo, estas sociedades podem ser consideradas como a cristalização de um caráter de reciprocidade fortemente difundido nos "densos" e "concretos" pormenores das relações pessoais dos trabalhadores, tanto em suas casas quanto no trabalho. Na primeira metade do século 19, observadores de todas as espécies — clérigos, inspetores de fábrica, propagandistas radicais — destacaram o alcance da ajuda mútua nos distritos mais pobres. Em períodos de emer-

* Relativa à *Unity of Moravian Brethren*, uma seita protestante fundada em princípios do século 18 na Saxônia (N. de T.).
40. *Culture and Society* (ed. Penguin), p. 312-14.

gência, desemprego, greves, doenças e partos, os pobres auxiliavam a todos os seus vizinhos". Vinte anos depois de Place ter feito seus comentários sobre a mudança dos hábitos em Lancashire, Cooke Taylor ficou assombrado com o fato dos trabalhadores desta região suportarem "uma extrema miséria" —

com elevado grau de dignidade moral, notável senso de retidão, decência, asseio e ordem... eles não merecem os grandes sofrimentos que pude testemunhar. Estava presenciando, na realidade, a imolação gradual da população mais nobre e valiosa que já viveu neste país ou em qualquer outro sobre a terra.

"Praticamente todos os operários desamparados que eu encontrei ao norte de Manchester... sentiam um terror imenso de se verem forçados a receber auxílio da paróquia."⁴¹

É um erro supor que a ética da "classe operária" se restringisse *unicamente* a esta atitude. As aspirações "aristocráticas" dos artesãos e mecânicos, os valores de "auto-suficiência", a criminalidade e a desmoralização também estavam muito disseminados. O conflito entre os modos alternativos de vida foi decidido dentro das próprias comunidades da classe operária, e não somente entre a classe média e a operária. Pode-se dizer que os valores coletivistas já dominavam em diversas comunidades industriais nos primeiros anos do século 19: havia um código moral definido que impunha sanções contra os fura-greves, os "testas de ferro" dos patrões e as pessoas pouco solidárias, demonstrando intolerância em relação aos excêntricos ou individualistas. Os valores coletivistas eram defendidos conscientemente, sendo propagados na teoria política, no cerimonial dos sindicatos e na retórica moral. Esta autoconsciência coletiva, associada a teorias, instituições, normas disciplinares e valores comunitários correspondentes, é o que realmente distingue a classe operária do século 19 da plebe do século 18.

O radicalismo político e o owenismo não só extrairam elementos, como também enriqueceram esta "idéia coletivista bá-

41. Cooke Taylor, op. cit., p. 37-9. Taylor escreveu seu trabalho durante a depressão do algodão em 1842.

sica". Francis Place talvez estivesse certo quando atribuiu a mudança do comportamento das multidões de Lancashire, em 1819, ao avanço da consciência política que "se espalhou por todo o país, desde o início das atividades das Sociedades Constitucionais e de Correspondência, em 1792".

Hoje, podem-se reunir 100.000 pessoas sem que ocorra qualquer distúrbio, e por quê? (...) O povo tem agora um objetivo, cuja persecução lhe confere importância a seus próprios olhos, e o eleva no conceito que tem de si mesmo. Portanto, até mesmo os indivíduos que poderiam estar liderando algum distúrbio zelam hoje pela paz.⁴²

Outro observador atribuiu as mudanças em Lancashire às influências de Cobbett e das escolas dominicais, notando uma "alteração geral e radical" no caráter das classes trabalhadoras:

Os pobres, nos períodos de sofrimento e insatisfação, não provocam mais qualquer tumulto, e preferem organizar uma reunião; ao invés de atacarem seus vizinhos, acusam o ministro.⁴³

O crescimento do auto-respeito e da consciência política foi um avanço real da Revolução Industrial, tendo eliminado algumas formas de superstição e deferência, e tornando intoleráveis certos instrumentos de opressão. Podemos encontrar uma evidência do sólido desenvolvimento do caráter de reciprocidade na força e no orgulho cerimonial dos sindicatos e das associações de ofício, que emergiram da semilegalidade quando os Decretos sobre as associações foram revogados.⁴⁴ Durante a greve dos carbões de Bradford, em 1825, observamos que, em Newcastle, onde as sociedades de auxílio mútuo estavam solidamente estabelecidas, os sindicatos que contribuíram para o fundo da greve naquela cidade incluíam os ferreiros, os artesãos industriais,

42. Wallas, op. cit., p. 146.

43. Um membro do Comitê de Manchester para o alívio dos sofrimentos, em 16 de agosto de 1819 [J. E. Taylor], *Notes and Observations Critical and Explanatory on the Papers relative to the Internal State of the County*... (1820).

44. Ver antes, pp. 77-8.

os marceneiros, os sapateiros, os seleiros, os ebanistas, os trabalhadores dos estaleiros, os serradores, os alfaiates, os chapeleiros, os curtidores, os tecelões, os ceramistas e os mineiros.⁴⁵ Além disso, as sociedades de auxílio mútuo ajudaram, de certo modo, a captar e a transmitir ao movimento sindical o gosto pela certidão e a alta consideração pelo status, típicos das guildas. Estas tradições demonstravam ainda um notável vigor no princípio do século 19, em algumas das antigas companhias privilegiadas por carta patente ou das guildas de mestres ou mestres-artesãos, cujas cerimônias periódicas expressavam o orgulho dos mestres e de seus oficiais. Em 1802, por exemplo, celebrou-se o jubileu das "Guildas" de Preston. Durante uma semana de cortejos e apresentações, em que participaram a nobreza, a pequena nobreza rural, os comerciantes, os encarregados de oficinas e os industriais,⁴⁶ os oficiais ocuparam um lugar destacado:

Os cardadores e os trabalhadores algodoeiros... foram precedidos por vinte e quatro belas jovens, cada uma levando um ramo de algodoeiro, seguidas por uma máquina de fiar carregada nos ombros dos homens e por um tear transportado numa plataforma, ambos operados por trabalhadores...

Em Bradford, às vésperas da grande greve de 1825, os cardadores celebraram a festa do Bispo Blaize com extraordinário esplendor:

Mensageiro, carregando o estandarte

Vinte e quatro comerciantes laneiros montados em cavalos cobertos com um velocino.

Trinta e oito fiandeiros de lã e manufatureiros montados, trazendo coletes brancos, cada um com uma tira de lã sobre os ombros e uma faixa branca; os pescocos dos cavalos cobertos por um filó feito de fios grossos.

45. *Trades Newspaper*, 11 de setembro de 1825.

46. As companhias representadas incluíam os curtidores, os peleiros, os luveiros, os sapateiros, os carpinteiros, os açougueiros, os taverneiros, os alfaiates, os ferreiros e os vendedores de tecidos. Ver *Lords Mercury*, 4 de setembro de 1802.

E assim por diante, até que chega:

O BISPO BLAIZE

Pastores e pastoras
Jovens pastores

Cento e sessenta classificadores de lã montados a cavalo, com gorros ornamentados e diversas tiras coloridas.

Trinta Cardadores

Carvoeiros.

As insígnias dos cardadores.

Banda

Quatrocentos e setenta cardadores, com perucas de lã, etc.

Banda

Quarenta tingidores, com penachos vermelhos, aventais azuis, e tiras cruzadas, em vermelho e azul.⁴⁷

Depois da grande greve, não se pôde repetir uma cerimônia semelhante.

A passagem dos antigos hábitos do "Ofício" para a dualidade das organizações dos patrões, por um lado, e dos sindicatos, por outro, representa a experiência crucial da Revolução Industrial.⁴⁸ Contudo, as sociedades de auxílio mútuo e os sindicatos não ficaram atrás das organizações dos patrões na tentativa de conservar o cerimonial e o orgulho das tradições mais antigas; na verdade, pelo fato dos artesãos (ou *tradesmen*, como ainda são conhecidos) se considerarem os *produtores* efetivos, às custas dos quais parasitavam os patrões, eles cultivavam a tradição com ênfase maior. Com a revogação dos Decretos sobre as associações, seus estatutos passaram a circular abertamente pelas ruas. Em 1825, em Londres, o Sindicato dos Calafates de Barcos do Tâmisa (fundado em 1794) exibiu seus mores: "Main et Coeur",

47. J. James *History of Bradford* (1866), p. 164-7; J. Burnley, *Yorkshire Stories Retold* (Leeds, s.d.), pp. 165-75.

48. A respeito da formação da "Consciência da Classe Média" entre 1780 e 1846, ver o artigo do professor Brigg com esse título em *Parí and Present*, abril de 1956. Sobre a importância da noção de "Ofício" no movimento luddita, ver E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, vol. III, "A força dos trabalhadores", Paz e Terra, 1987, cap. 2.

"Vigour, Verité, Concorde, Depêche", que revelavam o orgulho dos artífices medievais. O Sindicato dos Cordeiros desfilava com um estandarte branco onde figurava um enxame de abelhas ao redor de uma colmeia: "Filhos do Trabalho! A União faz a Força" (diante das casas dos patrões que houvessem concedido algum aumento, eles paravam e faziam uma saudação). O Sindicato Providente dos Trabalhadores dos Estaleiros do Tâmisa, de John Gast, o líder dos "ofícios" de Londres, precedia a todos com um estandarte de seda azul ("Corações de Carvalho protegem os Idosos"), seguido por um vistoso barco puxado por seis cavalos baixos, três posilhões com jaquetas azuis, uma banda, o comitê, os membros, que portavam outras bandeiras e estandartes, e delegações representativas do ofício, vindas de Shields, Sunderland e Newcastle. Os membros portavam rosetas azuis e ramos de carvalho, e, no interior do barco, seguiam velhos trabalhadores do ofício que viviam nos asilos da união, em Stepney.⁴⁹ Em Nantwich, em 1832, os sapateiros ainda conservavam o mesmo respeito pelo status, típico dos sindicatos de ofício artesanais, possuindo seu estandarte, "um enorme conjunto de insígnias secretas, sobrepelizes, aventais enfeitados... uma coroa e um manto para o Rei Crispin". Em 1833, o rei atravessou a cidade a cavalo acompanhado por caudatários, oficiais com a "Dispensation, a Bíblia, um par de grandes luvas, além de belissimos exemplares de sapatos e botas para senhoras e cavalheiros":

Aproximadamente 500 sapateiros participaram do cortejo, vestindo aventais brancos primorosamente adornados. Na retaguarda, seguia um companheiro de ofício, vestido como ambulante, carregando suas ferramentas nas costas e um bastão na mão.⁵⁰

49. *Trades Newspaper*, 14, 21, 28 de agosto de 1825. Os calafates contavam com 300 membros, os cordeiros com 200 e os trabalhadores dos estaleiros com cerca de 1500.

50. "Reminiscences of Thomas Dunning", ed. W. H. Chaloner, *Trans. Lancs. & Cheshire Antiq. Soc.*, LIX, 1947. Esta extravagante demonstração de força foi seguida pela prisão dos administradores de Nantwich, durante a investida geral contra as uniões, em 1834.

Nenhuma explicação isolada conseguirá dar conta da profunda alteração dos hábitos dos trabalhadores.⁵¹ Tampouco seria correto exagerar a respeito do grau da mudança. Bebedeiras e tumultos continuaram a ocorrer com freqüência nas ruas. Contudo, é verdade que, durante os vinte anos que se seguiram às guerras, os trabalhadores pareciam mais sóbrios e disciplinados quando se empenhavam em reafirmar os seus direitos. Não devemos, portanto, aceitar a tese de que sua sobriedade resultou exclusivamente, ou mesmo principalmente, da propaganda evangélica. Isso também pode ser comprovado se olharmos para o verso da medalha. Por volta de 1830, não só a Igreja Oficial, mas também o movimento de revitalização metodista, enfrentava dura oposição, na maioria dos centros da classe operária, da parte dos livre-pensadores, owenistas e cristãos não-sectários. Em Londres, Birmingham, Newcastle, Leeds, no sudeste de Lancashire e em outras cidades, os adeptos deístas de Carlile ou de Owen tinham muitos seguidores. Os metodistas tinham consolidado a sua posição, mas tendiam cada vez mais a representar os artesãos e os grupos privilegiados de trabalhadores, isolando-se da vida comunitária da classe operária, do ponto de vista moral. Alguns dos antigos centros de revivificação haviam recado no "pagamento". Em Sandgate (Newcastle), outrora "célbre por suas orações e bebedeiras, pelos cânticos de salmos e blasfêmias", os metodistas já não contavam mais com adeptos entre os pobres, na década de 1840. Em algumas regiões de Lancashire, as comunidades têxteis e os operários industriais foram se afastando das capelas, sendo arrastados pela corrente do owenismo e do livre-pensamento:

Não fossem as escolas dominicais, a sociedade estaria numa situação horrível até hoje. (...) A descrença cresce espantosamente. (...) Os textos de Carlile, de Taylor e de outros infieis são mais lidos do que a Bíblia ou qualquer outro livro. (...) Pude observar, durante semanas, grupos de aproximadamente 400 tecelões, reunidos em uma sala, aplaudindo in-

51. Para maiores detalhes sobre a cultura dos artesãos, ver E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, vol. III, "A força dos trabalhadores", Paz e Terra, 1987, cap. 4.

divíduos que afirmavam e demonstravam a inexistência de Deus. (...) Caminhei até às cabanas ao redor da capela onde eu costumava rezar, e encontrei 20 homens reunidos, lendo publicações infieis...⁵²

O owenismo e os movimentos seculares, em geral, alastravam-se como o fogo "nos tojos da terra comunal", da mesma forma que a revivificação metodista, numa época anterior.

Engels, escrevendo a respeito das suas impressões sobre Lancashire em 1844, afirmou que "os trabalhadores não são religiosos e não freqüentam igrejas", à exceção dos irlandeses, "de alguns anciãos, dos burgueses menores, dos contramestres, dos capatazes e de outros similares". "Entre as massas, prevalece, quase universalmente, uma total indiferença em relação à religião, ou, quando muito, alguns sinais de deísmo..." A descrição de Engels perde parte da sua força por ele tê-la exagerado. Mesmo assim, há o registro de Dodd a respeito de uma fábrica de Stockport, onde nove entre dez pessoas não freqüentavam qualquer igreja, além do fato de Cooke Taylor ter se surpreendido, em 1842, com o vigor e o conhecimento das escrituras demonstrados por trabalhadores de Lancashire, ao contestarem as ortodoxias cristãs. "Se eu acreditasse que o Senhor fosse a causa de toda a miséria ao meu redor", afirmou um destes trabalhadores a um pregador metodista, "eu deixaria o seu culto e diria que aquele não era o Senhor que eu escolhi." Da mesma forma, em Newcastle, durante os anos do caritismo, milhares de artesãos e mecânicos eram livre-pensadores convictos. Numa fábrica que empregava 200 pessoas, "não havia mais de seis ou sete que assistissem a algum culto". "As classes trabalhadoras", de acordo com um dos seus membros.

estão acumulando conhecimentos, e, quanto mais acumulam, maior é a distância entre elas e as diferentes seitas. Não se trata absolutamente de ignorância sobre a Bíblia. Eu mesmo a respeito... e quando a leio... noto que os profetas se colocaram entre os opressores e os oprimidos, denunciando

52. Testemunho de um empresário de Bolton, S.C. on *Hand-loom Weavers' Petitions* (1834), p. 419.

todos os injustos, não importando quão ricos ou poderosos fossem. (...). Quando os pregadores voltarem a comentar as lições do velho livro, eu retornarei a escutá-los, mas não antes disso. . . .

As escolas dominicais estavam colhendo uma safra inesperada.⁵³

O enfraquecimento da influência das igrejas não acarretou, de forma alguma, a erosão do auto-respeito e da disciplina de classe. Ao contrário, Manchester e Newcastle, com sua longa tradição de organização industrial e política, destacaram-se durante os anos cartistas pela disciplina demonstrada em grandes concentrações. Se antes os cidadãos e os encarregados de oficinas ficavam apavorados quando os "terríveis e selvagens" mineiros chegavam em grande número a Newcastle, agora os proprietários de minas tinham de percorrer os bairros miseráveis da cidade, procurando homens pacatos e trapeiros para substituírem os mineiros grevistas. Em 1838 e 1839, dezenas de milhares de artesãos, mineiros e outros trabalhadores marcharam pelas ruas em perfeita ordem, durante várias semanas, passando às vezes a pouca distância das tropas e evitando todas as provocações. "Nosso povo já se conscientizou", segundo um dos líderes do movimento, "que não precisamos de distúrbios, mas de uma revolução".⁵⁴

III. Os Irlandeses

Um ingrediente da nova comunidade da classe operária escapou a esta análise: a imigração irlandesa. Em 1841, estimou-se que mais de 400.000 habitantes da Grã-Bretanha haviam nascido na Irlanda; outras dezenas de milhares tinham os pais irlandeses. Na sua grande maioria, eles eram católicos e encontra-

53. Engels, op. cit., p. 125-6; Cooke Taylor, op. cit., pp. 153-5; *Newcastle Chronicle, Inquiry into the Condition of the Poor* (Newcastle, 1850), p. 32, 56. Ver também Dodd, op. cit., p. 181, 186.
54. Fynes, op. cit., p. 19; Thomas Burt, *Autobiography* (1924), p. 34; T. A. Devyr, *Tree Odd Book of the Nineteenth Century* (New York, 1882), pp. 184-5.

vam-se entre os trabalhadores menos remunerados, vivendo principalmente em Londres e nas cidades industriais. Em Liverpool e em Manchester, entre um quinto e um terço da população trabalhadora era irlandesa.

Não nos cabe traçar aqui a estarrecedora história do empobrecimento dos irlandeses, no decorrer da primeira metade do século 19. Os desastres que afligiram a Irlanda resultaram menos das pragas nas plantações de batatas do que dos efeitos da contra-revolução que se seguiu à impiedosa repressão contra a rebelião dos Irlandeses Unidos (1798), muito mais selvagem do que qualquer outra ocorrida na Inglaterra, e das conseqüências políticas, econômicas e sociais do Decreto da União (1800). Em 1794, um clérigo da Igreja da Irlanda chamado William Jackson, que servia de intermediário entre William Hamilton Rowan, dos Irlandeses Unidos, e os franceses, foi preso em Dublin, portando um documento que esboçava a situação da Irlanda e as perspectivas de apoio, no caso de uma invasão francesa. A população da Irlanda era (erroneamente) estimada em 4.500.000,⁵⁵ dos quais se supunha que 450.000 eram anglicanos, 900.000, dissidentes e 3.150.000, católicos. Sobre os dissidentes ("o grupo mais ilustrado da nação?"), afirmava o documento:

Eles são republicanos convictos, devotados à Liberdade, e apoiaram entusiasticamente a Revolução Francesa, em todos os seus estágios. Os católicos, o maior grupo da população, vivem no mais baixo grau de ignorância e necessidade, e estão dispostos à qualquer mudança, pois nada mais pode piorar a sua situação. Pode-se afirmar que os camponeses da Irlanda, os mais oprimidos e miseráveis da Europa, são católicos.

Enquanto os preconceitos antifranceses dos ingleses seriam capazes de "unir todos os níveis sociais em oposição aos invasores", na Irlanda, "um país conquistado, oprimido e insultado, o nome da Inglaterra e o seu poder são universalmente odiosos. . . ."

55. O primeiro censo, em 1821, forneceu a cifra de 6.803.000.

Os dissidentes são inimigos do poder inglês por motivos racionais, e os católicos, pelo ódio ao simples nome da Inglaterra. (...)

Em resumo, seja por reflexão, interesse ou preconceito, a disposição à mudança, a miséria da grande maioria da população e, acima de tudo, o ódio despertado pelo nome da Inglaterra, resultado de uma tirania de quase sete séculos, parecem não deixar dúvida de que uma invasão seria apoiada pelo povo.⁵⁶

Pode-se argumentar que os franceses perderam a Europa, não diante de Moscou, mas em 1797, quando apenas uma armada amotinada os separava da Irlanda, que se encontrava às vésperas de uma rebelião.⁵⁷ A invasão, quando ocorreu, foi de outra natureza: a emigração dos irlandeses para a Inglaterra e a Escócia documento de Jackson recorda-nos de que esta emigração foi um movimento mais diferenciado do que frequentemente se supõe. Por volta de 98, os Dissidentes de Ulster, a província mais industrializada, eram os irlandeses mais "jacobinos", e não os mais leais. O *Castle* só se interessou em incentivar deliberadamente o antagonismo entre "orangistas" e "papistas", como forma de manutenção do seu poder, após a repressão à rebelião. Os emigrantes incluíram trabalhadores que se empregavam sazonalmente nas colheitas de Connaught, pequenos proprietários de Wexford em fuga e artesãos de Ulster, grupos que diferiam tanto entre si quanto os trabalhadores da Cornualha e os fiandeiros de Manchester (as conhecidas brigas nas noites de sábado ocorriam mais freqüentemente entre os próprios irlandeses do que entre eles e os ingleses, e nem sempre se tratavam de choques religiosos, pois as rivalidades entre Leinster, Munster e Connaught também se reproduziram nos currais e nos pátios de Preston e de Batley). As ondas de imigração sucediam-se ininterruptamente.⁵⁸ Entre 1790 e 1810, havia ainda uma considerável mescla de protestantes e *Ulstermen*, que incluía diversos artifices, artesãos, tecelões e operários algodoeiros,

56. T. S., 11.3510 A (2); *Trial of the Rev. Wm. Jackson* (1795), pp. 80-1.

57. Ver E. H. S. Jones, *The Invasion that Failed* (Oxford, 1950).

58. Sobre a considerável colônia irlandesa em Londres, no século 18, ver M. D. George, *London Life in the Eighteenth Century*, p. 113 e ss.

ros, partidários, muitas vezes, dos Direitos do Homem. Na medida em que se tornavam evidentes os efeitos da competição econômica desigual sob a União, os tecelões de seda e linho e os trabalhadores do setor algodoeiro abandonaram suas indústrias decadentes, dirigindo-se a Manchester, Glasgow, Barnsley, Bolton e Mecclesfield. Neste fluxo veio John Doherty, que havia trabalhado numa indústria algodoeira em Meath, durante a juventude, e que chegou a Manchester no final das guerras, tendo-se tornado o mais importante líder dos trabalhadores do algodão de Lancashire, após alguns anos.

Depois desta época, a migração de camponeses e de católicos assumiu um destaque maior do que nunca. Os pequenos proprietários de Lincolnshire, conforme noticiou um jornal local, em 1811, "arraiu a muitos deles, durante anos, através de anúncios públicos". Tratava-se, neste caso, de uma referência aos migrantes sazonais que trabalhavam nas colheitas, cujo "espírito de diligência" era muito elogiado, contrapondo-se à "ganância" do trabalhador de Lincolnshire,

que espera ganhar salários extorsivos às custas do fazendeiro, não se satisfazendo nem mesmo com meio guinéu por dia, no auge da estação,

e que também era criticado por sua animosidade em relação ao "auxiliar irlandês".⁵⁹ Na medida em que as rotas de migração se tornavam familiares, crescia o número de imigrantes que chegava para se estabelecer. As sucessivas quebras nas colheitas de batatas, principalmente a de 1821-2, pressionaram ainda mais a migração.

Entre 1828 e 1830, a expulsão massiva de camponeses "proprietários" aumentou o número de viajantes nos barcos abarrotados que faziam a travessia para Liverpool e Bristol. Porém, a Inglaterra estava "longe de ser a sua Mecca; na verdade, era o último lugar para onde eles iriam voluntariamente". Os mais afortunados, que podiam economizar dinheiro para a passagem, emigravam para a América ou para o Canadá, e só os mais destituídos

59. *Boston Gazette*, em *Alfred*, 21 de setembro de 1811.

vinham para a Inglaterra. Depois de chegarem à nova terra, assim que encontrassem emprego, eles esforçavam-se heroicamente para remeter dinheiro à Irlanda e juntar a pequena soma necessária para trazer os parentes e reunir a família na Inglaterra.⁶⁰

As condições que a imensa maioria dos imigrantes do pós-guerra deixou para trás eram, na linguagem dos Livros de Registro, impróprias até mesmo para satisfazer "as necessidades mais básicas da vida".

Suas habitações são choças miseráveis; vários membros da família dormiam juntos sobre palha, ou até mesmo no chão. . . sua alimentação consistia geralmente de batatas secas, e eles. . . tinham de se satisfazer com uma refeição frugal por dia. (. . .) Às vezes, conseguiam um arenque, um pouco de leite, mas nunca comiam carne; a não ser no natal, na páscoa e no carnaval.⁶¹

A sua condição de mão-de-obra mais barata de toda a Europa ocidental é um aspecto bastante conhecido da sua história. Diversas páginas dos Livros de Registro dedicadas às condições sanitárias, à criminalidade, à moradia e aos tecelões manuais estavam repletas de referências à sujeira que os irlandeses trouxeram para a Inglaterra, à escassez de mobília e de roupa de cama nos porões em que moravam, ao hábito de atirar lixo pelas portas, ao apinhamento humano nas suas casas e à concorrência que provocou a redução dos salários na Inglaterra. A sua utilidade para os patrões na questão dos salários dispensa maiores comentários. Um fabricante de seda de Manchester declarou: "quando ocorre uma greve e faltam trabalhadores, mando vir da Irlanda dez, quinze ou vinte famílias. . ." ⁶²

Contudo, a influência da imigração irlandesa foi mais ambivalente e interessante do que se sugeriu até agora. Paradoxal-

60. Sobre a migração em geral, ver Redford, op. cit., pp. 114 e ss.; um excelente sumário a respeito das suas causas econômicas e sociais pode ser encontrado em E. Strauss, *Irish Nationalism and British Democracy* (1951), esp. caps. 9 e 10.

61. *Third Report of the Commissioners for Inquiring into the Condition of the Poorer Classes in Ireland* (1836), p. 3.

62. *Report on the State of the Irish Poor in Great Britain* (1836), p. vii.

mente, o êxito das pressões que produziram mudanças na estrutura do caráter do trabalhador inglês gerou a necessidade de uma mão-de-obra suplementar que não estivesse moldada pela disciplina de trabalho industrial. Esta disciplina, como vimos, exigia uma dedicação constante e metódica, uma motivação interna para a sobriedade, prudência e uma observação meticulosa dos contratos: em síntese, a aplicação controlada das energias em atividades qualificadas ou semiqualificadas. Ao contrário, as ocupações manuais pesadas na base da sociedade industrial exigiam um enorme dispêndio de pura energia física — um ritmo de vida típico da fase pré-industrial, em que se alternava o trabalho intenso com as diversões impetuosas, para o qual o artesão e o tecelão inglês não estavam preparados, em função da sua debilidade física e do seu temperamento puritano.

Desta forma, a mão-de-obra irlandesa foi essencial para a Revolução Industrial, não só — e talvez nem mesmo fundamentalmente — por ser "barata" (o salário dos tecelões e dos trabalhadores agrícolas ingleses também era baixo), mas também pelo fato dos camponeses terem escapado à influência de Baxter e de Wesley. Degradados na Irlanda por uma economia de subsistência ou pelo sistema de arrendamento de terras (que permitia aos fazendeiros reduzi-los à semi-escravidão em troca do uso de um pequeno campo de batata), eles adquiriram a reputação de letárgicos e ineficazes. A dedicação ao trabalho não poderia ser o mais usual numa terra em que se penalizavam os melhores arrendatários com taxas dobradas. Na Inglaterra, ao contrário, eles foram capazes de façanhas surpreendentes, demonstrando —

. . . disposição, vivacidade e perseverança nos trabalhos rústicos mais cansativos e desagradáveis, servindo de pedreiros e estucadores, participando das escavações na construção de portos, docas, canais e estradas, transportando mercadorias pesadas, carregando e descarregando embarcações.

O dr. Kay, ao realizar diversas pesquisas a respeito do conceito da mão-de-obra irlandesa junto aos patrões de Lancashire, em 1835, descobriu que os trabalhadores ingleses eram preferidos em todas as atividades qualificadas, por demonstrarem a "firme

perseverança exigida nas atividades fabris". "Os ingleses são mais sóbrios, limpos e habilidosos, e também mais honestos no cumprimento dos contratos firmados entre mestre e empregados." Embora houvesse milhares de operários irlandeses nas indústrias algodoeiras, "poucos, na melhor das hipóteses... estavam empregados nos processos mais complexos...; quase todos podiam ser encontrados em habitações miseráveis...". Raramente ocupavam "cargos de confiança", e poucos "atingiam o grau de fiandeiro". Nas atividades não-qualificadas, a situação se invertia. Em 1836, um empresário de Birmingham declarou:

Os trabalhadores irlandeses aceitam trabalhar a qualquer hora. (...) Considero-os muito valiosos, e não poderíamos passar sem eles. Quando são tratados com gentileza, fazem qualquer coisa por você. (...) Um inglês não poderia fazer os mesmos trabalhos. Se alguém os pressiona, demonstram uma disposição que falta aos ingleses. Preferem morrer a serem derrotados, e são capazes de cair de fadiga antes de permitirem que alguém os supere....

"É necessário um maior controle sobre eles, pois conversam muito durante o trabalho." Observou-se que os incentivos pessoais eram mais eficazes do que os econômicos. Constantemente bem-humorados, produziam mais se seus patrões também tivessem senso de humor e os encorajassem à mútua emulação. "Os irlandeses são mais violentos e irritáveis, porém menos teimosos, taciturnos e obstinados do que os ingleses." Era fácil tirar proveito da sua generosidade e impulsividade; é literalmente correto que preferiam "morrer a serem derrotados". "No seu país, são notoriamente preguiçosos e negligentes; depois de cruzarem o canal, tornam-se um modelo de diligência e iniciativa." Recebendo pagamento por tarefa ou por grupo nas docas, nas escavações e nas obras públicas, "eles tendem a trabalhar em excesso, e arruinam a saúde e a compleição física em poucos anos". Este era o caso dos carregadores de carvão e de outras mercadorias, e de muitos trabalhadores inferiores em Londres, entre os quais havia uma elevada proporção de irlandeses. Um observador constatou nas docas de Liverpool a maneira com que se carregava aveia numa embarcação:

Os homens (irlandeses, na maioria) recebiam os sacos cheios sobre os ombros, na medida em que um guindaste os baixava, e os carregavam pela rua. Eles prosseguiam nesta tarefa pesada durante uma longa jornada, num ritmo uniforme e infatigável, caminhando, no mínimo, cinco milhas por hora; a distância do barco até o armazém era de cinquenta jardas... Nesta atividade, um bom trabalhador recebe, a uma taxa de 16 penies por 100 sacos, dez xelins por dia. Portanto, ele tem de fazer setecentas e cinquenta viagens... carregando um saco de aveia sobre as costas durante metade desta distância, perfazendo um total de... quarenta e três milhas...

Na década de 1830, diversas atividades haviam se transformado praticamente num monopólio destes imigrantes, quer pelo fato dos ingleses se recusarem a desempenhar tarefas vis e desagradáveis, quer por não conseguirem acompanhar o ritmo dos irlandeses.⁶³

Portanto, os empregadores tinham à sua disposição a melhor oferta de mão-de-obra dos dois mundos, o pré-industrial e o industrializado. O trabalhador disciplinado, no íntimo, não apreciava sua atividade; a estrutura de caráter que permitia a formação de trabalhadores dedicados e qualificados estimulava também a auto-estima, criando fortes barreiras contra as tarefas vis e degradantes. Um patrão no setor da construção explicou por que os irlandeses se limitavam a desempenhar funções estritamente braçais:

Raramente chegam a ser bons mecânicos. Não se aprofundam em nenhum assunto. Sua capacidade de compreensão é ágil, mas superficial. Nunca são bons técnicos, artesãos industriais ou qualquer coisa que exija raciocínio. (...) Se um projeto for colocado em suas mãos, eles têm de examiná-lo detidamente, caso contrário se equivocarão ou mais provavelmente, nem serão capazes de executá-lo.

63. *Report on the State of the Irish Poor in Great Britain* (1836), pp. v, vii-ix, xxx-xxxi; Strauss, op. cit., cap. 14, "The Irish in Great Britain"; *First Annual Report Poor Law Commissioners* (1836), pp. 305-6; G. C. Lewis, *Remarks on the Third Report of the Irish Poor Inquiry Commissioners* (1837), p. 24; John Wade, *History of the Middle and Working Classes*, p. 242-3; Sir G. Head, *A Home Tour of Great Britain* (1835), pp. 190-1.

A razão desta deficiência seria antes a "falta de aplicação" do que alguma "incapacidade natural". Tratava-se de um problema "moral", e não "intelectual".

Um homem que não se preocupa com o dia de amanhã e que vive apenas para o presente não consegue submeter seu intelecto a uma disciplina severa e realizar o paciente esforço necessário à formação de um bom mecânico.⁶⁴

O Relatório sobre a Situação dos Irlandeses Pobres na Grã-Bretanha, um dos ensaios sociológicos mais impressionantes dos Livros Azuis, elaborado durante os anos 30, apresentou a seguinte conclusão:

A emigração irlandesa para a Inglaterra ilustra o caso de uma população menos civilizada que se colocou sob uma comunidade mais civilizada, formando uma espécie de substrato. Os irlandeses dominam todos os setores inferiores do trabalho manual, sem se sobressaírem em qualquer atividade industrial.

Os empregadores julgavam esta situação muito "vantajosa", observou um patrão das regiões ceramistas, "na medida em que a população nativa está totalmente empregada em atividades mais engenhosas e qualificadas". Apesar disso, na opinião de muitos patrões, a imigração "não foi um benefício tão cristalino", porque os irlandeses exibiam a mesma exuberância e indisciplina tanto no trabalho quanto nas diversões. "Uma grande parte dos trabalhadores irlandeses das cidades manufatureiras... gastam seus salários da seguinte maneira":

Na noite de sábado, quando recebem o salário, pagam, em primeiro lugar, a conta do armazém... e o aluguel... e quando todos os débitos estão saldados, começam a beber, consumindo o resto dos seus salários. Na manhã de segunda-feira, já não têm nenhum péni...

Mantendo um "padrão de existência imutável, pouco superior ao que tinham em seu próprio país", faltavam-lhes as virtudes

64. *Report on the State of the Irish Poor in Great Britain*, pp. ix, xxx-xxxi.

puritanas da parcimônia e da sobriedade, assim como a aplicação e a previdência. Em todas as noites de sábado, as ruas de Manchester, Liverpool e de outras cidades manufatureiras eram tomadas por centenas de irlandeses briguentos e bêbados.

Além disso, as virtudes e os vícios dos irlandeses eram, em vários aspectos, opostos aos dos disciplinados artesãos ingleses. O desprezo que o irlandês sentia pela autoridade inglesa manifestava-se ora com violência, ora com bom humor. Pelo fato das leis e da religião das autoridades serem as de um país estrangeiro, não havia sanções comunitárias no sentido de considerar vergonhoso o fato de algum deles ser processado por um tribunal inglês. Segundo um patrão, eles eram dignos de confiança quando bem tratados: "se um deles for flagrado em algum pequeno furto, os outros passarão a evitá-lo". Porém, todo irlandês que fosse surpreendido roubando patrões ou fazendeiros impopulares, ou que se recusasse a pagar o aluguel, podia contar não só com o apoio de seus compatriotas, mas também com sua força coletiva. Um patrão algodoeiro de Manchester declarou que "não existe uma única insolência que eles não cometam às vezes". Apesar de brigarem constantemente entre si, uniam-se firmemente quando um deles fosse atacado por algum estranho. As tentativas de confisco de destilarias ilegais desembocaram em guerras de cutelos e tijolos, em que até mesmo as irlandesas participavam, não se limitando simplesmente a ocupar a retaguarda. Na *Little Ireland* de Manchester, qualquer tentativa de execução de sentenças legais referentes a aluguéis, débitos ou taxas tinha de ser conduzida como uma pequena ação militar, diante de uma população preparada para o combate. Segundo afirmou um delegado de polícia em Manchester, em 1836, "é extremamente perigoso executar um mandado de prisão numa fábrica onde trabalham muitos irlandeses, porque eles atiram pedras e tijolos sobre os oficiais, na medida em que eles se aproximam pelas escadas...". O superintendente da polícia de Manchester declarou que —

... para prender um irlandês dentro dos seus bairros, somos obrigados a levar entre dez a até mais de vinte guardas. Toda a vizinhança aparece armada, inclusive as mulheres, semi-

nua, que carregam pedras e pedaços de tijolos para os maridos. Todos eles resistem para ganhar tempo, até que seus amigos se reúnem para libertá-los...⁶⁵

Os irlandeses não eram nem estúpidos, nem bárbaros. Mayhew referiu-se, freqüentemente, a sua generosidade, à "habilidade de argumentação" e à "rapidez de compreensão". Eles participavam de um sistema de valores distintos do sistema dos artesãos ingleses; temos, inclusive, a impressão de que eles se divertiam muito, escandalizando deliberadamente os padrões de conduta ingleses. Segundo um advogado de Bolton, costumavam representar o papel de loucos no banco dos réus, trazendo um grupo de conterrâneos como "testemunhas da sua boa índole": demonstravam, assim, um agudo conhecimento dos subterfúgios dentro dos procedimentos legais, deixando os magistrados pasmos com as suas lisonjas. Este mesmo desprezo pela veracidade permitia-lhes simular mendígos perfeitos. Generosos uns com os outros, só economizavam dinheiro para algum projeto definido, como emigrar para o Canadá ou casar. Sujeitavam-se a "juntar pêni a pêni", durante anos, para trazerem as mulheres, filhos, irmãs e irmãs até a Inglaterra, mas "nunca economizariam para livrarem a si mesmos ou aos filhos da humilhação de recorrer às casas de correção..." Quando se dedicavam à profissão de ambulantes, ocupavam sempre os níveis mais miseráveis, como quinilheiros ou trapeiros; Mayhew comentou secamente que o seu temperamento não se adaptava ao princípio de "comprar no mercado mais barato e vender no mais caro". Eles mantinham uma atitude predatória e bem-humorada em relação à Lei dos Pobres inglesa. Tiravam proveito das obsoletas Leis de Residência, circulando por todo o país às custas das paróquias (quem poderia descobrir se Manchester era ou não a paróquia de origem de Paddy McGuire?) e escapando da carroça do inspetor quando o local de parada lhes parecesse apropriado. Aceitavam o auxílio paroquial "sem a menor sensação de culpa".⁶⁶

65. *State of the Irish Poor in Great Britain*, pp. x, xvi-xvii, xi; *First Report of the Constabulary Commissioners* (1839), pp. 167-9.
66. H. M. Richardson, *Reminiscences of Forty Years in Bolton* (Bolton, 1885), pp. 129-31; Mayhew, op. cit., I, pp. 109, 121.

Estes hábitos representavam um elemento perturbador no seio da comunidade da classe operária em formação, um fluxo aparentemente inesgotável de reforços para as muralhas das fortalezas de Satã. Em algumas cidades, os irlandeses viviam parcialmente segregados em suas ruas e bairros. Em Londres, em 1850, Mayhew localizou-os no labirinto de vielas junto à travessa Rosemary, em cujos currais se viam "moleques descalços correndo pelo lamaçal, enquanto meninas sem gorros, enroladas displicentemente em xales, se apoiavam nos batentes das portas". Em Manchester e Leeds, havia a mesma segregação. Existia, também, a segregação religiosa. Em 1800, a população trabalhadora nativa adepta do catolicismo era minúscula. A Igreja Católica considerou a imigração irlandesa como o sinal de um plano divino para restabelecer a verdadeira fé na Inglaterra; onde quer que fossem os irlandeses, o padre os seguia. Além disso, o clero irlandês era o mais pobre e o mais próximo aos camponeses, em toda a Europa. Tendo uma renda média anual estimada em £ 65, eles dependiam literalmente de seus rebanhos, comendo nas casas de seus paroquianos e sujeitando-se a sua boa vontade. O bispo protestante de Waterford afirmou:

O padre tem de acompanhar o impulso do fluxo popular, para não ser deixado para trás e perecer. (...) "Viva comigo e como eu; não me moleste com seu refinamento ou com seus conhecimentos superiores, e receba agradecido o que eu decidir te oferecer. Aceite tudo em troca da sua complacência em relação às minhas crenças políticas ou à minha conduta." Esta... é a linguagem do camponês irlandês com seu sacerdote.

O bispo católico de Waterford reconheceu esta situação, numa surpreendente exortação a seu clero, feita em 1797:

Não se deixem instrumentalizar pelos ricos deste mundo, que tentarão... utilizá-los contra os pobres, em proveito de fins temporais. (...) Os pobres são seus amigos, mantendo-se inflexivelmente devotados a você e a sua religião, mesmo nos piores momentos. Eles reparam sua parca refeiçãõ com você, assim como fizeram com seus predecessores. (...) Se eles

(...) imitassem a conduta dos ricos, que não só fecham suas portas, mas freqüentemente enxotam os sacerdotes como bestas selvagens, eu não poderia estar me dirigindo agora ao respeitável corpo de clérigos que trabalha sob minha autoridade espiritual....

Uma igreja que contava com um padre capaz de marchar à frente dos insurretos, em Wexford, e com um outro (O'Coigly) disposto a sofrer no patíbulo, na Inglaterra, estava certamente envolvida com as aspirações nacionais dos camponeses. Entre 1810 e 1840, Daniel O'Connell tentou usar o clero (principalmente através da Associação Católica) como um elemento de agitação política auxiliar. Quando os irlandeses pobres chegaram à Inglaterra, o clero utilizou todos os meios a seu alcance para manter a influência sobre o seu rebanho: dedicação integral ao sacerdócio (adquirindo, assim, um conhecimento sobre os paroquianos maior do que qualquer outro clero na Inglaterra), terror psicológico, auxílio e extorsão financeira, pressão sobre os parentes, amparo na miséria. A Igreja Católica acreditava que apenas uma forma de evangelização poderia triunfar na Inglaterra protestante: a taxa de natalidade. Muitos dos carregadores de carvão, trabalhadores que abriam estradas de ferro e vendedores de frutas ingleses eram "pagãos", enquanto seus colegas irlandeses costumavam ir à missa. O padre era a única autoridade pela qual os trabalhadores irlandeses demonstravam algum respeito. Um cônego católico conseguia acalmar um distúrbio numa noite de sábado em Bolton, mesmo nos casos em que os magistrados fracassassem. Quando Mayhew acompanhou um padre numa visita aos seus paroquianos, notou que —

por toda a parte, as pessoas corriam para saudá-lo. (...) As mulheres juntavam-se nas portas das suas casas, arrastando-se do porão até o alçapão, simplesmente para reverenciá-lo (...). Enquanto o padre caminhava pelas ruas, as crianças paravam para que ele tocasse suas cabeças... 67

67. *Ibid.*, I, p. 12; E. Wakefield, *An Account of Ireland* (1812), II, p. 557; Halévy, op. cit., III, pp. 93-5; Dr. Hussey, *Pastoral Letter to the Catholic Clergy* (Waterford, 1797).

Na realidade, o poder dos padres sobre os irlandeses aumentava quando eles emigravam. Afastados das suas origens, o padre representava o último ponto de contato com seu antigo modo de vida. Embora instruídos, os sacerdotes não estavam socialmente distanciados de seus fiéis nem corriam o risco de identificação com os patrões e autoridades inglesas; conheciam, às vezes, o gaélico, viajavam mais freqüentemente entre a Inglaterra e a Irlanda, e traziam notícias de parentes, podendo ser incumbidos da remessa de economias e de mensagens. Isso justifica o fato de que as tradições culturais mais persistentes entre os camponeses emigrados — até a terceira ou quarta geração — foram as da Igreja nacionalista semifeudal. Mesmo nos porões mais esquálidos, podiam ser encontrados alguns dos objetos místicos do catolicismo, castiçais, crucifixos e "imagens coloridas e brilhantes de santos e mártires", junto ao retrato de O'Connell, o "libertador". Em contrapartida, a herança musical e folclórica extremamente rica dos irlandeses pereceu, muitas vezes na primeira geração. Os imigrantes conservaram, durante algum tempo, os costumes de suas vilas e se visitavam uns aos outros, "dançando jigas e rebolando, freneticamente", mas seus filhos deixaram de lado a rabeca, a flauta e o gaélico.

Embora fossem segregados em algumas cidades, os irlandeses nunca sofreram pressões para formarem guetos. Teria sido difícil converter um povo que falava a mesma língua e que recebia a cidadania britânica, depois do Decreto da União, numa minoria subjugada. Houve grande número de casamentos entre ingleses e irlandeses. O ponto mais notável nesta relação não foram as eventuais fricções, mas a relativa facilidade com que as comunidades da classe operária absorveram os irlandeses. Houve, naturalmente, muitos distúrbios, especialmente nas atividades em que existia a competição direta entre os trabalhadores irlandeses e ingleses não-qualificados, como é o caso da construção e das docas. Nas décadas de 1830 e 1840, ocorreram sérias lutas, inclusive com mortes, entre os trabalhadores na construção de ferrovias. Particularmente em Londres, os sentimento anticatólicos e antiirlandeses continuavam fortes. Cada etapa da longa disputa parlamentar pela emancipação católica (1800-1829) transcorreu

acompanhada, num segundo plano, por manifestações antipapais grosseiras, através de cartazes e baladas. Em 1850, a nomeação de bispos católicos motivou a queima de efígies e os protestos contra a "agressão papal". Mayhew descobriu "oradores" e "cantores" que lucravam tanto com um bom discurso antipapal quanto com um bom crime:

Monges, freiras e tolos à solta,

Não temos bulas esmagando nossas gargantas.

Anime-se e grite: abaixo o papa

E seu cardeal, bispo Wiseman.*

Contudo, nenhum dos cantos ou das litanias registrados por Mayhew fazia qualquer referência aos irlandeses. A maior parte deles inspirava-se no folclore sobre os incêndios de Smithfield e nos sentimentos nacionais, seguindo a linha da "Réplica do Povo Inglês à Bula Papal" (*Old English John Bull's Reply to the Papal Bull of Rome*). Os moradores dos porões nas vizinhanças da travessa Rosemary dificilmente poderiam ser enquadrados sob o tema folclórico da agressão estrangeira.⁶⁸

Ao contrário, havia muitas razões para que o radicalismo ou o cartismo ingleses e o nacionalismo irlandês tomassem uma causa comum, embora as alianças nunca estivessem livres de tensões. No exército, na marinha e nas cidades industriais do norte, o antagonismo dificilmente assumia a forma de racismo, pelo fato dos irlandeses lutarem ou trabalharem lado a lado com seus compatriotas ingleses. Desde a época dos Irlandeses Unidos — e dos dias em que os irlandeses participaram, com porretes, da defesa da casa de Thomas Hardy — conservou-se uma aliança política consiente. Os reformistas ingleses em geral apoiaram a causa da emancipação católica: durante anos, Sir Francis Burdett foi seu mais destacado defensor parlamentar, enquanto Cobbett a auxiliava, não só através do *Political Register*, mas também na *History of the Protestant Reformation in England* (1823), onde a origem

* Monks and Nuns and fools afloat / We'll have no bulls shoved down our throat / Cheer up and shout down with the Pope / And his bishop cardinal Wiseman.

68. Mayhew, op. cit., I, pp. 243, 252-3.

da Antiga Corrupção e de "*The Thing*" foi investigada, recuando-se até a espoliação dos mosteiros e das fundações de caridade na época dos Tudor. Os propagandistas radicais guardavam também vivas recordações da selvagem repressão de 1798, enquanto Hone, Cruikshank e Wooler denunciaram sem piedade Castlereagh (*Derry-Dow. Triangle*), por sua cumplicidade com as torturas e fustigações. Roger O'Connor, pai de Feargus, foi amigo íntimo de Burdett e chegou a ser indiciado como seu companheiro na representação por Westminster. Em 1828, os irlandeses radicais e anti-o'connellistas formaram uma Associação pela Liberdade Civil e Política, com o apoio de Hunt e Cobbett, que cooperou estreitamente com os radicais ingleses mais avançados, sendo uma das precursoras do Sindicato Nacional das Classes Trabalhadoras (1830), que, por sua vez, precedeu a Associação dos Operários Caristas de Londres (1836).⁶⁹

Houve, portanto, uma clara aliança entre o nacionalismo irlandês e o radicalismo inglês, no período 1790-1850, estimulada ou confundida, eventualmente, pelas vicissitudes da família O'Connor. Na região central e no norte, a influência da imigração irlandesa foi menos explícita. Durante mais de vinte anos, a partir de 1798, os condados irlandeses, um após o outro, foram assolados por distúrbios agrários, nos quais as sociedades secretas — Debulhadores, Caravats, Shanavests, Tommy Downshires, Cardadores, Fiteiros e os Molly Maguires — empregavam diferentes formas de terrorismo para defender os direitos dos arrendatários, baixar os preços e os alugueis, resistir ao pagamento de dívidas ou expulsar os proprietários de terras inglesas. Em 1806, os Debulhadores virtualmente controlavam Connaught; em 1810, os

69. Ver, e. g., o *Political Register de Sherwin*, 19 e 26 de julho de 1817; *Reformists' Register* de Hone, 19 de julho de 1817; *Political Register* de Cobbett, 17 de janeiro de 1818; *Cap of Liberty*, 8 de setembro de 1819; Cole, *Life of William Cobbett* (1924), pp. 308-9; D. Read e E. Glasgow, *Feargus O'Connor* (1961), pp. 12-14, 19. A ligação de Roger O'Connor com o movimento inglês complicou-se com a sua pretensão de ser o legítimo rei da Irlanda (Uma pretensão herdada por Feargus). As aspirações de Roger em relação a Westminster foram aniquiladas por Cobbett nos seguintes termos: "Não, não queremos uma multiplicidade de famílias reais. A família real que temos já é suficiente para satisfazer qualquer nação que não careça totalmente de consciência."

briguentos Caravats e Shanavests estavam em Tipperary, Kerry e Waterford; em 1813, os distúrbios estenderam-se a Meath, Limerick e King's County; durante a escassez de batatas, entre 1821 e 1822, a situação se ampliou até Munster, Leinster e parte de Connaught. A torrente do ódio camponês transbordava num local assim que era controlada em outro, por meio de execuções e deportações. Os campos assistiram, nesta época, a gestos de extrema violência, como o roubo de armas, a manutenção de reféns para a execução (de ambos os lados), as rixas locais e as coletas forçadas de dinheiro. Em 1811, o Procurador-geral irlandês queixava-se de que o campo estava exibindo as "teríveis conseqüências decorrentes do fato dos camponeses estarem armados, e a pequena nobreza rural desarmada". O Par Barão ao condenar à morte um rapaz com pouco mais de dez anos pelo furto de armas, declarou:

Podemos tolerar que as pessoas que trabalham durante o dia legislem à noite? Que os que lavram a terra de dia decretem à noite as leis para governar a nação?

Muitos imigrantes irlandeses, como, por exemplo, Thomas Deyyr, de Donegal, futuro secretário da União Política Cartista do Norte, acostumaram-se a escutar, durante a juventude, a "pesada marcha" de homens "em formação quase militar", pelas ruas da vila, durante a noite.⁷⁰

Apesar de não dispormos de dados biográficos comprovatórios (que irlandês teria confessado, diante de uma corte inglesa, sua antiga ligação com os Cardadores ou com os "Niveladores"?), não pode haver dúvida de que alguns imigrantes trouxeram consigo as tradições destas organizações secretas. Sua influência pode ser notada entre 1800 e 1802 e nos anos do luddismo.⁷¹ A ação rápida de homens com a face pintada, durante a noite, o roubo de armas e o corte do garrote dos cavalos e do gado eram métodos

70. Ver Halévy, op. cit., II, 28-30; Wakefield, op. cit., II, p. 763 e ss.; Strauss, op. cit., p. 88-9; Trials of the Caravats and Shanavests in Howell, *State Trials* (1823), XXXI, p. 419, 423, 464; Deyyr, op. cit., p. 93, 101.

71. Ver E. P. Thompson, *A Formação da classe operária inglesa*, vol. III. "A força dos trabalhadores", Paz e Terra, 1987, cap. 4.

com que os irlandeses estavam familiarizados. Além disso, a existência de colônias irlandesas em todas as cidades manufatureiras permitia uma rápida propagação das suas experiências. Este fato contribuiu para a natural camaradagem entre os desertados: um irlandês estava sempre disposto a brigar, mas também a prestar ajuda mútua.

Embora muitos camponeses tenham trazido suas tradições revolucionárias para a Inglaterra, o mesmo não ocorreu com o clero. Não fazia parte do interesse da Igreja Católica chamar a atenção sobre a minoria católica que se expandia, ou estimular novas restrições legais contra a sua atuação. Na década de 1830, a ação política do clero não foi além de uma aliança com O'Connell, um indivíduo que personificava o ponto mais fraco da ligação entre o nacionalismo irlandês e o radicalismo inglês, visto que ele abandonou os pequenos proprietários irlandeses em troca da emancipação católica, votou contra o projeto de lei das 10 horas, desconcertou e confundiu seus conterrâneos mais críticos por causa do seu egoísmo, da sua retórica monarquista e das suas negociações com os *whigs*. Por este motivo, ao contrário de todas as outras religiões na Inglaterra, a Igreja Católica não contava com clérigos "deggarrados" que tivessem se destacado nos movimentos radicais nacionais. Embora os trabalhadores irlandeses demonstrassem uma particular predisposição a aderirem às associações, a maioria deles participava de ofícios não-qualificados, onde o sindicalismo era mais fraco. Desta forma, poucos foram os líderes irlandeses bem articulados dentro do movimento operário inglês (John Doherty, por sua obstinada dedicação à organização sindical e pela adaptação e aplicação consciente de alguns dos métodos organizativos de O'Connell à Associação Nacional pela Proteção do Trabalho (1829), foi uma exceção). A influência irlandesa podia ser percebida, principalmente, na tendência à rebeldia, observada nas comunidades e locais de trabalho, na propensão a desafiar as autoridades e a recorrer à ameaça da "força física", e na indiferença em relação às restrições impostas pelo constitucionalismo. Em 1836, um padre católico reconheceu que os irlandeses tinham "uma maior predisposição a participar de sindicatos, associações e sociedades secretas do que os ingleses".

"Em qualquer ocasião, são os principais oradores e líderes de motins", afirmou outra testemunha. Engels considerou o "temperamento impetuoso e ativo dos irlandeses" como um elemento que induzia os trabalhadores ingleses mais reservados e disciplinados à ação política:

... a mescla do temperamento mais flexível, irriável e impetuoso dos irlandeses com o equilíbrio, a racionalidade e a perseverança dos ingleses, a longo prazo, será benéfica para ambos. O egoísmo brutal da burguesia inglesa teria mantido sobre a classe operária um domínio ainda mais severo, caso a natureza irlandesa, generosa ao extremo e governada basicamente pelos sentimentos, não tivesse intervenido e suavizado o caráter fito e racional dos ingleses, através da mistura das raças e do convívio cotidiano.⁷²

Podemos discordar de alguns termos empregados por Engels, como "natureza" e "raça". Contudo, basta substituí-los para se perceber que seu julgamento é válido. Numa época em que a mecânica de precisão ainda coexistia com o uso de pás e picaretas na escavação de túneis, a disponibilidade dos dois tipos de mão-de-obra era vantajosa para os empregadores. Porém, o preço que se teve de pagar foi a fusão de um radicalismo político sofisticado com um revolucionarismo mais primitivo e incitável. Esta fusão concretizou-se no movimento cartista e ameaçou criar uma situação ainda mais perigosa quando Feargus O'Connor rompeu com O'Connell, e Bronterre O'Brien adaptou o socialismo da nacionalização das terras às condições inglesas. Antes disso, durante a década de 1790, quando o tio de Feargus, Arthur O'Connor, foi aprisionado com O'Coigly e com Binns, em Maidstone, parecia possível que o jacobinismo inglês e o nacionalismo irlandês definissem uma estratégia revolucionária comum. Se O'Connor tivesse conseguido arrebatar a Irlanda, da mesma forma como conquistou o norte da Inglaterra, os movimentos cartista e "Jovem Irlanda" poderiam ter desencadeado uma insurreição conjunta. As reticên-

72. *Report on the State of the Irish Poor*, p. xxiii; Strauss, op. cit., p. 125-30; Engels, op. cit., p. 124. Ver também Rachel O'Higgins, "The Irish Influence in the Chartist Movement", *Past and Present*, XX, novembro de 1961, pp. 84-5.

cias da "força moral" dos cartistas, por um lado, e a influência de O'Connell e do clero, por outro, juntamente com o terrível efeito demoralizador da "Grande Fome", impediram que isso ocorresse. Mas este assunto ultrapassa os limites do nosso estudo.

IV. Miríades por toda a Eternidade

Podemos agora compreender melhor muitos dos elementos que participaram da formação das comunidades da classe operária no início do século 19, mas ainda não temos uma resposta definitiva para a controversia a respeito do "padrão de vida". Sob o termo "padrão", sempre existirão juízos de valor, assim como questões de fato. Tentamos mostrar que os valores não são "fatores imponderáveis" que o historiador possa descartar sem receio, apoiando-se no argumento de que, por eles não serem passíveis de medição, todas as opiniões a seu respeito teriam a mesma importância. Ao contrário, eles relacionam-se com a satisfação humana e com o curso das mudanças sociais, temas que o historiador tem de considerar, se quiser que a história ocupe um lugar entre as ciências humanas significativas.

Na realidade, o historiador, ou o sociólogo da história, deve se preocupar com duas espécies de juízos de valor. Em primeiro lugar, ele deve considerar os valores realmente partilhados pelos que viveram durante a Revolução Industrial. Cada um dos dois modos de produção em questão está associado a um tipo diferente de comunidade, como um modo de vida característico. Há um conflito entre convenções e noções de satisfação humana alternativas, e existem dados suficientes à disposição de quem desejar estudar as tensões resultantes deste conflito.

Em segundo lugar, ele terá de emitir alguns juízos de valor a respeito do processo global da Revolução Industrial, do qual nós próprios somos um produto. O nosso envolvimento certamente dificulta a emissão deste juízo. Ainda assim, poderá haver um certo distanciamento, se nos basearmos tanto na crítica "romântica" do industrialismo que se origina de uma parte dessa expc-

riência, quanto no testemunho da tenaz resistência oferecida à ela pelos tecelões manuais e pelos artesãos urbanos ou rurais, que aderiram rapidamente a uma cultura alternativa. Ao acompanharmos a mudança, descobrimos como chegamos ao que somos hoje. Compreendemos mais claramente o que foi perdido, o que se conservou "subterraneamente" e o que ainda resta por resolver.

Toda avaliação acerca da qualidade de vida requer antes a determinação da experiência de vida como um todo, relacionada com as múltiplas satisfações ou privações, tanto culturais quanto materiais, do povo em questão. A partir desse ponto de vista, a velha visão "cataclísmica" da Revolução Industrial conserva ainda seu valor. Entre 1780 e 1840, o povo da Grã-Bretanha passou por uma experiência de empobrecimento, mesmo que se possa mostrar estatisticamente uma pequena melhoria das condições materiais. À afirmação de Sir Charles Snow, de que "com uma unanimidade singular... os pobres trocaram o campo pelas fábricas, exatamente no mesmo ritmo em que elas puderam absorvê-los", devemos replicar, seguindo o pensamento do dr. Leavis, que a "história real" do "problema humano global (foi) incomparável e terrivelmente mais complexa do que esta afirmação faz supor".⁷³ No meio rural, alguns foram realmente atraídos pelo esplendor e pelas espetativas em relação aos salários nas cidades industriais; contudo, às suas costas, a velha economia rural estava desintegrando-se. O seu deslocamento ocorreu menos por desejo próprio do que pela injunção de pressões externas a que eles não podiam resistir: os cercamentos, as guerras, as leis dos pobres, a decadência das indústrias rurais e a postura contra-revolucionária dos seus governantes.

Todo processo de industrialização é necessariamente doloroso, porque envolve a erosão de padrões de vida tradicionais. Contudo, na Grã-Bretanha, ele ocorreu com uma violência excepcional, e nunca foi acompanhado por um sentimento de participação nacional num esforço comum, ao contrário do que se pode observar em

73. C. P. Snow, *The Two Cultures* (1959); F. R. Leavis, "The Significance of C. P. Snow", *Spectator*, 9 de março de 1962.

países que atravessam uma revolução nacional. Sua única ideologia foi a dos patrões. Seu profeta messiânico foi o dr. Andrew Ure, que considerava o sistema fabril como "o principal agente civilizador sobre o globo terrestre", difundindo "a energia vital da ciência e da religião entre miríades... que ainda jaziam numa região de sombras e morte".⁷⁴ Todavia, aqueles que participaram do processo não concordariam com esta opinião, e tampouco com estas "miríades", supostamente beneficiadas. A experiência de empobrecimento ocorreu sob diversas formas: para o trabalhador rural, a perda dos direitos comunais e dos resquícios de democracia nas aldeias; para o artesão, a perda do seu status; para o tecelão, a perda do seu meio de vida e da sua independência; para a criança, o fim do trabalho e do lazer domésticos; para os diversos grupos de trabalhadores cujos salários reais aumentaram, a perda da segurança, e do tempo livre, ao lado da deterioração das condições ambientais urbanas. Depois de passar dez anos afastado da Europa, retornando a seguir para a Inglaterra, R. M. Martin compareceu diante do Comitê dos Tecelões Manuais de 1834 e declarou-se surpreendido com os sinais de deterioração física e espiritual:

Pude constatá-los não só nas comunidades manufatureiras, mas também nas agrícolas, por todo o país; elas parecem ter perdido sua animação, sua vivacidade, seus jogos campestres e seus esportes. O povo tornou-se sórdido, descontente, miserável e ansioso, sem saúde, alegria ou felicidade.

Seria um equívoco buscar uma explicação através daquelas idéias que o professor Ashton classificou corretamente como "entediantes" — o homem "divorciado" da "natureza" ou do "solo". Após a "Revolta dos Últimos Trabalhadores", as condições de vida dos trabalhadores agrícolas de Wiltshire — que estavam suficientemente próximos à "natureza" — tornaram-se ainda mais abjetas do que as das operárias de Lancashire. O que ocorreu, na realidade, foi uma violência contra a natureza humana. De acordo

74. *Philosophy of Manufactures*, pp. 18-9.

com uma certa perspectiva, esta violência pode ser considerada como o resultado da ânsia pelo lucro, numa época em que a cobiça dos proprietários dos meios de produção estava livre das antigas restrições e não tinha ainda sido limitada pelos novos instrumentos de controle social. Sob esta ótica, podemos classificá-la como a violência da classe capitalista, exatamente como fez Marx. Numa outra perspectiva, ela resume-se na brusca diferenciação tecnológica entre o trabalho e a vida.

Não foram nem a pobreza, nem a doença os responsáveis pelas mais negras sombras que cobriram os anos da Revolução Industrial, mas sim o próprio trabalho. Podemos observar este fato através da experiência pessoal de Blake, artesão por formação:

Então os filhos de Urizen deixaram o arado e o ancinho, o tear,
O martelo e o cinzel, a régua e o compasso...

E todas as artes da vida foram trocadas pelas da morte.

A ampuheta foi condenada porque sua arte

Era semelhante à habilidade do lavrador e da roda d'água

Que levava água às cisternas, hoje quebradas e queimadas

Porque sua arte era similar à dos pastores

E, em seu lugar surgiram rodas complicadas, roda sem roda,

Para confundir os jovens em formação e para submeter ao

trabalho,

Dia e noite, as miríades por toda a Eternidade, que devem limar

E polir o bronze e o ferro, hora após hora, num acabamento

laborioso,

Deixando-as na ignorância do sábio uso que poderiam dar a

seus dias

Envolvidas em tarefas tristes e enfadonhas por uma misera

pitância de pão,

Imersas numa ignorância que as leva a tomar a parte pelo todo.

E chamar a isso demonstração, cegas a todas as regras simples da vida.*

* Then left sons of Urizen the plow & harrow, the loom, / The hammer & the chisel & and rule & compasses... / And all the arts of life they chang'd into the arts of death. / The hour glass contend'd because its simple workmanship / Was as the workmanship of the plowman & the water wheel / That raises water into Cisterns, broken & burn'd in fire / Because its workmanship was like the workmanship of the shepherds /

Estas "miríades por toda eternidade" pareciam às vezes encasurradas em seu trabalho, como numa tumba. Os esforços de toda uma vida, além do apoio das sociedades de auxílio mútuo, bastavam apenas para garantir a realização de um valor popular tão prezado: o "funeral decente". Novas especialidades surgiam, velhas satisfações persistiam, mas, acima de tudo, percebemos a pressão provocada pela longa jornada dedicada a um trabalho insatisfatório, sob uma severa disciplina, visando a propósito alheios. Segundo D. H. Lawrence, esta era a fonte da "fealdade" que "corrompeu o espírito do homem no século 19".⁷⁵ Mesmo quando todas as outras impressões se desvanecem, esta permanece, ao lado do sentimento de perda de toda a coesão comunitária, salvo aquela que os trabalhadores edificaram para si próprios, na oposição aos patrões e ao seu trabalho.

And in their stead intricate wheels invented, Wheel without wheel, / To perplex youth in their outgoings & to bind to labours / Of day & night the myriads of Eternity, that they might file / And polish brass & iron hour after hour, laborious workmanship, / Kept ignorant of the use that they might spend the days of wisdom / In sorrowful drudgery to obtain a scanty pittance of bread, / In ignorance to view a small portion & think that All, / And call it demonstration, blind to all the simple rules of life.

75. "Nottingham and the Mining Country", *Selected Essays* (ed. Penguin), p. 119, 122.